

# 1

## Primeiro Emprego

**T**riiiiiiiiiiiiiim! O despertador desembesta às cinco e trinta da manhã. Dona Celina levanta sem pestanejar e vai direto para o tanque, lava e escova as dentaduras, acende o fogão de quatro bocas e bota a chaleira com água para ferver.

\_\_\_ Zé, levanta que tá na hora!

Zé rola para a esquerda e aproveita para puxar o pequeno cobertor xadrez, que teimava em não lhe cobrir os pés, rola para a direita e esquece-se do mundo. Dona Celina desiste de acordá-lo e vai direto para a porta dos fundos, pega uma vassoura de piaçaba para varrer a casa de cor indefinida, pois o tempo se incumbiu de amarelar o verde.

Dona Celina prende os cabelos de algodão, puxa a mesinha de centro, retira alguns pêlos de gato, arrasta a poltroninha branca e se depara com algo que está em cima da pequena televisão. É um papel preenchido à caneta, curiosa, ela pega a folha para ler:

Nome: José Malleta Pinto

Pai: José Pinto

ZÉ MALLETA

Mãe: Maria Celina Malleta Pinto

Escolaridade: Ensino Fundamental Incompleto

End. Rua Tabelaão Álvaro Silva, 125

Bairro: Parada 40

Município: São Gonçalo

Estado: Rio de Janeiro

\_\_\_ Zé! Zé! Acorda Zé! Que papel é aquele que achei na sala com o seu nome, nome da mãe e do pai?

Zé Malleta se levanta ainda meio atordoado, coça a cabeça, estica os braços e abre uma bocarra.

\_\_\_ Hã! O que mãe, não entendi nada?

\_\_\_ Achei um papel com seu nome, lá na sala.

\_\_\_ Ah! É um currículo. É que tô querendo trabalhar, não aguento ficar sem fazer nada! Os primos tão tudo empregado e ganhando um salário.

\_\_\_ Mas Zé, você nem completou 30 anos e já quer trabalhar?

\_\_\_ É mãe! Eu não posso sair só com esse dinheirinho! A senhora me dá cinco reais no sábado e ainda quer troco na segunda-feira!

\_\_\_ Tá bom, Zé, então vai lá à casa do Zé Paulino, ele começou a vender carros.

Zé Malleta se levanta na maior euforia, corre para o tanque, enche o balde com água fria, toma um banho com o mesmo sabão que a mãe lava roupa, penteia seus cabelos alourados com bastante vaselina, pega uma

camiseta, a sua melhor bermuda com suspensórios e vai até o seu primeiro emprego.

\_\_\_ Zé Paulino, a mãe pediu pra me arranjar um trabalho.

\_\_\_ Mas você nunca trabalhou na vida e vai começar logo comigo?

\_\_\_ A mãe pediu...

\_\_\_ Então tá! Começa lavando esse Peugeot prata, que acabei de adquirir de um cliente. Repare como ele era cuidadoso com este veículo, não tem um arranhão! Limpa por dentro e por fora. Daqui a duas horas eu volto.

Malleta, todo animadinho, pega um balde de vinte litros, que estava no depósito de limpeza, enche com tanto shampoo que a espuma chega escorrer pela calçada. A seguir, usa um pano branquinho e faz a festa! O Peugeot ficou novinho em folha! Mas o danado não fica satisfeito com o trato. Então, uma ideia luminosa lhe passa pela mente! Ele pega um escovão e um produto milagroso que a mãe usava para arear panelas e começa a esfregar nas portas e no teto do veículo. Ao terminar, o aço reluz em todas as direções, fazendo um reflexo que ofusca seus olhos. Nesse instante, chega o Zé Paulino para recepcionar os futuros compradores, quando olha pro carro todo danificado, ele fica atordoado! Chocado! Traumatizado! Zé Malleta

fica de pé ao lado de sua obra, com um sorriso “daqueles”, esperando do patrão um grande elogio.

\_\_\_ Zé Paulino, agora você vai vender com mais facilidade, não vai? Olha como o Peugeot ficou lindo!

Paulino fica vermelho como um camarão respira fundo, pega o balde e joga com toda a força no Malleta.

\_\_\_ Você tá doido, Zé? Olha só o que você fez! Estragou o carro todo! Nunca mais vou conseguir vender esse veículo! Tu és uma verdadeira maleta! Você está despedido e nunca mais pise nesta calçada, seu maluco!

Sem entender a atitude do chefe, o ex-funcionário começa a chorar, pega os chinelos e cabisbaixo volta para casa. Enquanto isso na agência, Zé Paulino recebe Zé Português e sua esposa.

\_\_\_ Zé Paulino, vim buscar o carro que nos prometeu. Não vai me vender qualquer porcaria! Veja lá, hein!

O vendedor fica parado, congelado e mumificado sem saber o que dizer. Nesse momento, a mulher do comprador resolve se meter na história.

\_\_\_ Querido! Olha que carro maravilhoso! É uma obra de arte! Repare nos desenhos cubistas sobre o teto e nas portas! Além de comprá-lo, faço questão de conhecer o idealizador dessa obra, que é um verdadeiro artista! Também sou escultora e reconheço um talento à

distância! Quero colocá-lo à frente do meu atelier! Vai ser o maior sucesso!

Zé Paulino arregala seus olhos não acreditando no que estava ouvindo, mesmo assim, informa o endereço do Malleta. Maria Olinda senta toda posuda entre o banco e o volante do Peugeot, levanta o nariz orgulhoso, passa a primeira marcha e vai à procura do suposto artista. Na Praça Zé Garoto, contorna o pronto socorro, segue até a Rua Moreira César, desvia no Clube Tamoio, ultrapassa o Cemitério de São Gonçalo e informa-se na Praça do Relógio de Sol, quando estaciona em frente ao número 125 da Rua Tabelaio Álvaro Silva, encontra um homem abrindo o portão...

# 2

## **B** A madrinha

\_\_ Boa tarde! Você conhece o Zé Malleta?

Malleta se depara com o seu trabalho reluzindo no sol a pino, aquela pobre e indefesa criatura, com o rosto molhado pelas lágrimas; limpa o nariz com os braços e responde:

\_\_ Eu não fiz nada! Só queria deixar este possante bem limpinho! Desculpe! Eu não farei mais!

\_\_ Então foi você quem transformou a pintura deste carro, não foi?

\_\_ Sim, fui eu, mas não precisa brigar comigo, se não, a minha mãe vai ficar muito triste! Não quero que ela tenha vergonha de mim!

Maria Olinda desce do carro, aproxima-se vagorosamente do homem e observa um grande infantilismo naquela alma soluçando no portão; seus olhos trepidam e também se enchem de lágrimas.

\_\_ Malleta, não precisa ficar triste! Todo artista é criticado pelos insensíveis! Olhe! Quero que fique com

esse dinheiro pelo seu trabalho e que você venha me auxiliar nas lojas de artesanatos, que tal? Você aceita?

José Malleta levanta os olhos devagarzinho, dá um leve sorriso e grita:

\_\_ Mãe Celina! Mãe Celina! Tem uma moça me chamando pra trabalhar! Pra trabalhar! Pra trabalhar!

Celina abre a janelinha da porta de madeira e convida o casal para entrar. Zé Português e a esposa sentam-se na poltroninha branca e começam a conversar.

\_\_ Dona Celina, Malleta é o nome ou apelido do Zé?

\_\_ Ele foi batizado como José Malleta Pinto. Malleta é da mãe e o Pinto do pai.

\_\_ É que Malleta é um sobrenome italiano e minha avó tinha uma empregada com a mesma descendência, a senhora tem parentes na Itália?

\_\_ Sim, tenho! A minha mãe era italiana: Giovanna Malleta. Ela trabalhava na casa de Dona Domitila Monteleone, que acabou vindo pro Brasil e trazendo-a como acompanhante.

\_\_ Não acredito! Domitila Monteleone era mãe da minha mãe! Que casualidade! Que coisa maravilhosa! Então vocês estão aqui na América Latina, por causa da minha família! Dona Celina, eu estou muito emocionada com este encontro! De alguma

forma me sinto responsável por vocês, afinal, foi por causa da minha avó que a senhora veio para esse maravilhoso país, chamado Brasil e hoje me fez conhecer essa pessoa tão especial, que é o seu filho. Eu quero ajudá-lo! Sim! É isso mesmo! Farei tudo o que puder para que o Malleta seja um grande artista!

Logo, olha para o marido buscando aprovação e encontra um par de olhos azuis, cheios de carinho. São os olhos de Zé Português, a quem ela carinhosamente chama de Souza. Aquele olhar diz tudo. Souza é um eterno apaixonado, para ele Maria Olinda é “Lindinha”. Mulher de pequena estatura, mas de grande coração! Sempre querendo ajudar alguém, sempre cheia de vida, de alegria, de movimento. Para a amada, ele nunca conseguiu dizer não, isso seria um absurdo; ela é o seu norte, o sol de sua vida.

— Sim, meu amor! Vamos ajudar o rapaz!

Maria Olinda está eufórica. Em sua mente artística e revolucionária, começa a surgir mil idéias e ela imagina:

—”Vou ensiná-lo, instruí-lo, enfim, serei sua professora! Não! Vou ser mais do que isso, serei madrinha do Malleta!”

Dona Celina, não sabe bem o que dizer. Seu coração de mãe está muito feliz por alguém querer ajudar o seu filho. Então, ainda meio sem jeito e com

aquelas palavras girando em sua mente, ela decide fazer um café.

— Vocês me dão licença! Vou botar a chaleira no fogo para passar um cafezinho.

Malleta, que estava próximo da sua genitora, encostado na porta que dava para a cozinha, se prontifica.

— Não se preocupa, mãe! Hoje sou eu quem faz o café pra senhora!

E assim, Malleta se dirigiu para a cozinha na maior alegria, enquanto o papo rola solto na sala e as duas mulheres relembavam das histórias de suas antepassadas.

Dona Celina, um pouco mais à vontade, começa a contar ao casal visitante, as peripécias de sua mãe.

— A mama Giovanna me contou, que Dona Domitila preparou uma grande festa para um tio que estava voltando da guerra e convidou toda a cidade para saudar o herói. Encomendou os salgadinhos e comprou vários tonéis de vinho. Enfim, um grande baile! Minha mãe era considerada como um membro da família e por isso ganhou um lindo vestido branco! Bem! A mama dançou a noite toda, bebeu além da conta e quando percebeu que estava completamente tonta, foi pra calçada do casarão de Dona Domitila que ficava na frente do cemitério de São Miguel. Como tinha muita gente, por lá, resolveu se afastar pra que ninguém a

visse bêbada, foi andando sem rumo, quando deu por si, já se encontrava no recinto onde se enterram os mortos; aí, entrou, bambeou e caiu numa cova fresquinha e dormiu profundamente! De madrugada acordou, quando estava saindo do buraco, deu de cara com o padeiro que fazia entrega para a funerária. Com a maior inocência passa as mãos sujas de barro no rosto, encara o pálido homem e pergunta:

\_\_\_ *“Padeiro, que horas são”?*

O rapaz quando viu aquela mulher, toda de branco, descabelada, saindo da catacumba, jogou o cesto pra cima e desembestou numa grande correria. O pavor era tanto, que ele saltou o muro que tinha uns três metros de altura! Dizem que nunca mais se entregou pão naquela redondeza. Também pudera, com tamanho susto! Até hoje existe uma crença de que nas noites de festa, a moça sai do cemitério perguntando as horas aos desavisados.

Maria Olinda sem conseguir segurar a gargalhada, comenta:

\_\_\_ Dona Celina, não acredito que a sua mãe aprontava tanto!

Nesse momento, o Zé Malleta entra com quatro copos, um bule de café quentinho e um pacote de açúcar com uma colher das de sopa em seu interior.

\_\_\_ O café tá pronto, é só servir!

Maria Olinda serve o marido e depois a si. O aroma aconchegante do café quente lhes aquece o coração. Educadamente esperam que o Malleta e a sua mãe também se sirvam, para brindarem o grande encontro.

\_\_ Um brinde, à arte do Malleta! Um brinde ao futuro artista.

Depois do cafezinho, um pesado silêncio toma conta do ambiente. Dona Celina arregala os olhos e em tom assustado pergunta:

\_\_ Zé! O que você botou nesse café?

\_\_ A senhora sempre me disse que a gente deve lavar bem as vasilhas, então, eu lavei o coador com bastante sabão!

\_\_ Mas Zé! Pelo amor de Deus! Não se lava coador de pano com sabão!

\_\_ Mas mãe! A senhora sempre me ensinou que devemos deixar tudo limpinho.

\_\_ Depois te explico meu filho! Depois te explico!

Dona Celina, um pouco sem graça pelo incidente, se dirige aos visitantes.

\_\_ Dona Olinda, seu Souza, vocês me desculpem! O Zé é assim mesmo, meio atrapalhado! Ele não fez por mal, só queria ajudar.

Maria Olinda e seu marido logo se despedem, com receio de uma nova surpresa.

\_\_ Não se preocupe, Dona Celina, está tudo bem! Obrigada pelo cafezinho! Já está na hora, não é, meu bem?

\_\_ Claro, querida! Dona Celina, foi um prazer conhecê-la! Você também, meu jovem.

Maria Olinda entrega ao Malleta, um cartão com o endereço de sua residência.

\_\_ Espero você amanhã bem cedinho lá em casa, ouviu? Venha tomar um café comigo!

Em seguida, o casal vai embora. Durante a volta para casa, Zé Português percebe que sua esposa está feliz e comenta:

\_\_ Gostei muito deles. São pessoas maravilhosas e puras de coração! Você observou meu amor, como o Malleta trata a mãe? Isso é contagiante! Serve de exemplo para muita gente!

\_\_ É verdade, querido! Já vi tanto filho que maltrata os pais. São respondões e não têm nenhum respeito pela família.

\_\_ É isso mesmo! Pior, quando eles envelhecem ficam jogados como se fossem trapos! E muitos acabam em asilo. Isso é muito triste! Será que algum dia o ser humano vai aprender a respeitar seus idosos?

\_\_ Ah! Meu Souza! Quero acreditar que sim. O amor é o mais belo dos sentimentos e sem ele, viver não faz nenhum sentido, não é mesmo?

\_\_ É verdade! Mas para isso, é preciso que surjam muitos “Malletas”. A maioria dos jovens de hoje, só pensam em si e esquecem que um dia também vão envelhecer! As sementes plantadas na juventude germinam, eles deveriam saber que algum dia irão colher os frutos de seus atos.

\_\_ Nossa! Minha Lindinha está filosofando!

\_\_ Souza, pare com isso! O assunto é sério!

\_\_ Eu sei que este assunto é muito sério e concordo com tudo o que você disse. É que não posso deixar de admirar esse seu jeito tão especial de dizer as coisas.

E eles se olham com ternura. Em seguida, Maria Olinda comenta:

\_\_ Querido, estou apreensiva com sua viagem para a Península Ibérica. Você sabe que temos muitos assuntos pendentes por lá e se não conseguirmos resolvê-los, entraremos num caminho sem volta.

\_\_ Não se preocupe, Portugal e Espanha vão nos trazer bons fluídos.

Horas depois, o motorista leva Maria Olinda e Zé Português para o aeroporto. O voo marcado para às vinte horas, está quase saindo. O casal se beija e o esposo embarca para Europa. Maria Olinda volta para casa e ainda pensando na viagem do marido, trabalha até tarde. Quando enfim, o sono a vence.

Enquanto isso do outro lado da cidade...

# 3

## **Z** Uma dupla impossível

Zé Malleta vai mais cedo dormir, quando acorda, lava o rosto, penteia os cabelos, veste-se, beija a mãe, pede sua bênção e vai à residência da sua protetora, levando Zelinho, seu gato de estimação. Chegando lá, observam que a casa está fechada, as luzes da varanda estão acesas, olha de um lado para o outro, tentando ver algum movimento. Como o silêncio ele persiste tocar a campainha. Uma, duas, três vezes, mas ninguém aparece para atendê-lo. Sem pensar, cola o dedo no interfone. De repente, uma voz rouca, e sonolenta o atende.

— Pois não, quem é há esta hora? Aconteceu alguma tragédia?

— Não! Não tem nenhuma tragédia! Aqui é o Zé Malleta, vim tomar café com a Dona Maria Olinda, ela mora aqui, não mora?

O mordomo, tremendamente mal-humorado, responde:

ZÉ MALLETA

\_\_ Sim, mora. Mas o senhor sabe que horas são?  
Nesse momento, Maria Olinda, completamente zozna de sono, entra na sala, e pergunta:



\_\_ Zé Luis, pelo amor de Deus! O que está acontecendo?

\_\_ Tem um louco lá fora, dizendo que veio tomar café com a senhora.

\_\_ Meu Deus! Quem será a essa hora?

\_\_ É um tal de Zé Malleta.

Então Maria Olinda, compreende o que está acontecendo e pega o interfone.

\_\_ Malleta, o que você está fazendo aqui às cinco horas da manhã? Aconteceu alguma coisa?

\_\_ A senhora pediu pra chegar bem cedinho, então eu cheguei!

\_\_ Mas, às cinco da manhã? Às cinco da manhã! Zé, pelo amor de Deus! Isso é possível?

Depois de um breve silêncio, ela respira fundo e diz:

— Espere um pouco, já vou lhe atender.

Maria Olinda pede o mordomo para receber o afoito visitante, e vai para a cozinha tomar um copo d'água. Zé Luiz com cara de quem não gostou, penteia o bigodinho, vai ao quintal prender o pitbull, em seguida, abre o portão de ferro que dá acesso ao jardim. Ao ver o cão, o gato se assusta e arranha o braço do Malleta. Nosso herói grita com uma enorme dor. O ferimento é profundo e o sangue corre sobre os seus dedos. O mordomo, ao observar o ocorrido, sorri com os olhos, demonstrando total antipatia pelos novos visitantes.

— Dona Maria Olinda está na cozinha. Vá depressa! Ela não gosta de esperar!

Zé Malleta entra pela sala com os pés cheios de lama, pisa no tapete branco, esbarra na jarra do canto, que cai e se parte em mil, e assusta mais uma vez Zelinho, que pula dos seus braços e vai alojar-se na poltrona com as suas patas sujas de sangue. O mordomo ao assistir a cena fica com as orelhas tão vermelhas, tão vermelhas, parecendo que iam explodir! Seu olhar fulminante deixa Malleta petrificado. E o pobre rapaz, apertando fortemente o ferimento, numa tentativa inútil de estancar a hemorragia, abaixa a cabeça e ensaia um

ZÉ MALLETA

pedido de desculpas. Maria Olinda chega antes e vendo tamanha bagunça, pergunta:

\_\_ Céus! O que aconteceu aqui?

\_\_ Senhora, veja a confusão que esses dois fizeram! Sujaram toda a sala!

Maria Olinda olha para o Malleta e encontra um menino desprotegido e confuso, vê sua mão ferida e se compadece.

\_\_ Malleta, o que houve? Você está sangrando?

\_\_ Foi o Zelinho, ele se assustou quando viu o cachorro e arranhou meu braço!

\_\_ Meu Deus! Esse seu gato é um perigo!



\_\_ Não, Dona Maria Olinda! Foi sem querer; o Zelinho é meu amigo, ele nunca que ia me fazer nenhum mal!

Pela segunda vez, a bondosa senhora tem a nítida impressão de ouvir:

\_\_ “Me desculpa, não precisa brigar comigo, eu não faço mais”.

Ela então, diz ao mordomo:

\_\_ Zé Luiz, por favor, providencie a limpeza desse lugar!

\_\_ Não se preocupe, Dona Maria Olinda! Estou aqui para isso. Deixarei tudo em ordem.

O serviçal sai bufando como uma locomotiva e enraivecido com os dois visitantes.

\_\_ E você Malleta, não se preocupe! Está tudo bem! Acidentes acontecem. Agora venha comigo.

Maria Olinda conduz o cabisbaixo e desajeitado rapaz, por um amplo corredor, cor de pêssego. Malleta encanta-se com as gravuras na parede e por um momento esquece sua dor.

\_\_ Malleta, vou lhe mostrar onde você vai ficar, mas primeiro vamos cuidar desse ferimento, antes que infeccione.

Depois de medicado, Malleta é conduzido ao seu novo aposento, um confortável e aconchegante cômodo com paredes pintadas de verde, um lindo tapete vinho e móveis cor de marfim. No canto esquerdo, um enorme banheiro de azulejos até o teto. Malleta fica boquiaberto, nunca poderia imaginar um quarto tão grande e com um water closet! A casa onde morava era tão simples e pequena, havia apenas um banheiro que ficava do lado de fora, perto do tanque; uma cozinha,

ZÉ MALLETA

uma pequena sala e um dormitório que ele dividia com a mãe Celina.

Observando melhor a mansão de Dona Olinda, encontra uma enorme cama macia e um cesto de revistas que o transforma em berço para Zelinho. Os dois deitam-se e logo caem em profundo sono. Ao amanhecer, logo depois do café, Maria Olinda leva Malleta até a área de criação.

\_\_ Malleta, é aqui que iremos trabalhar!



# 4

## O primeiro quadro

**U**ma sala ampla e bem arejada, com enormes janelas de vidro cristalino, uma porta corrediça que dá para o jardim de inverno, onde samambaias, azaléias, jasmims, bambuzinho e uma infinidade de violetas criam à ilusória sensação de que o paraíso é ali. O perfume invade todo o ambiente. No canto esquerdo, perto do muro, debaixo da parreira, há uma pequena fonte, aonde pardocas, cambaxirras, pombas - rola e beija-flores vêm matar a sede. Os pássaros parecem transmitir um segredo através de seus cantos mágicos. Malleta pensa:

“*Que lugar bonito! Mãe Celina ia gostar muito!*”.

## ZÉ MALLETA

Ele está fascinado com tanta beleza e doçura, quando a voz de Maria Olinda o traz de volta a realidade. A escultora mostra várias restaurações, peças premiadas na França e uma grande tela ainda virgem, apanha sua coleção de pincéis e tintas que estão ao lado do cavalete e diz a seu protegido:

\_\_ Malleta, quero avaliar o seu potencial artístico! Você já pintou algum quadro antes?



\_\_ Às vezes, eu desenho alguma coisa, pra mãe pôr na parede.

\_\_ Então, vamos ver como você se sai! Está vendo esta tela? Você vai ter que demonstrar que é um verdadeiro artista, vou te dar trinta dias para preparar o quadro, desenhe o que quiser! Se não conseguir, será meu balconista nas lojas de artesanato. Mas, algo me diz que você vai me surpreender! Fique à vontade!

Sozinho naquele imenso espaço, Malleta começa a pensar: *“Vou pegar as tintas e pintar um gato*

*bebendo água. Não, vou pintar um carrinho com rodas de madeira. Não, vou pintar uma estrela e um sol! Tenho que fazer um desenho bem bonito para Dona Maria Olinda, senão ela vai ficar muito triste comigo!”.*

Nesse momento, Zelinho começa a ficar com fome, Malleta havia esquecido de lhe dar o mingau. O gato fica nervoso, começa a rodar o ambiente procurando o que comer, sobe na mesa e derruba várias tintas num prato, o verde cai no laranja que se encontra com o azul celeste, espalhando-se sobre o vermelho. Malleta vendo aquela bagunça prende Zelinho no banheiro e sai para providenciar leite pro amigo, mas esquece de fechar a janelinha que dá para o quintal.

\_\_ Zelinho, espera um pouco que eu já volto.

Malleta vai à cozinha onde encontra o carrancudo mordomo iniciando os preparativos do almoço. Meio sem graça, pergunta como pode conseguir um pouco de



leite pro seu gato. O criado não tem vontade de ajudar, mas sabe que a patroa não lhe perdoará se for grosseiro com seus hóspedes. Então, abre a geladeira e pega um copo de iogurte, despeja num prato, depois vai até o armário de vidro transparente com vários pacotes de biscoitos, pega um de chocolate e entrega ao visitante que agradece e sai.

Enquanto isso no banheiro...

Zelinho está começando a se desesperar por causa da fome. O coitado do gato pula a janela e avista o canil, caminha cuidadosamente até a ração do Zelão e começa a fartar-se. O cão que até então, dormia tranquilamente, acorda com o invasor comendo em sua tigela, sem pestanejar parte para cima de Zelinho. O felino dá um salto para trás e sai queimando grama com o pitbull babando em sua calda. Chegando próximo à sala de arte, observa a janela entreaberta e pula imediatamente, caindo todo desengonçado dentro do prato de tinta que está ao lado do cavalete. Ele escorrega e derruba o futuro quadro, caindo em cima da tela branca. A bagunça é geral! Minutos depois, chega Zé Malleta com um prato de iogurte e um pacote de biscoitos para o companheiro, encontrando-o todo colorido em cima da tela.

\_\_\_ Zelinho! O que você fez seu danado? Tá todo sujo de tinta e ainda estragou a tela de Dona Maria Olinda. Agora ela vai brigar comigo!

## ZÉ MALLETA



Antes de falar com Maria Olinda, Zé dá um banho no gato, dá comida, limpa todo o ambiente e coloca o quadro no lugar. Depois sai gritando pela casa.

— Dona Olinda! Dona Olinda! Não tenho boas notícias para a senhora!

— Malleta, o que você fez dessa vez? Assim eu não aguento!

— Vamos lá para a senhora ver, mas não vai ficar zangada comigo! A senhora me deu 30 dias e só faz um instante..., eu..., por favor, me desculpa! Me desculpa! Me desculpa!

Maria Olinda já nervosa entra no ateliê e dá de cara com o quadro em cima do cavalete. Arregala os olhos verdes, fica totalmente paralisada, quase sem respiração! Enfim, diz:

— Zé Malleta! Você é um verdadeiro gênio! Inspirou-se em seu gato para fazer uma autêntica obra de arte! Repare no rabo empastado da parte superior

criando formas abstratas; as marcas da cabeça parecem um sol formando o iluminismo; as ‘orelhas, o nariz e o bigode reacendem o surrealismo! Malleta, a partir de hoje você terá um gordo salário! E tem mais! Vou fazer alguns contatos e organizar uma exposição em Paris!

— Mas, Dona Olinda, não fui eu! Foi o Zelinho!

— Claro que foi o Zelinho! O seu amigo é sua fonte inspiradora! Todo artista precisa de um motivo para se inspirar e você tem o seu inseparável companheiro. Não precisa se preocupar, o seu gato também vai para a cidade luz.

Toda contente beija a face do novo gênio, acaricia a cabeça do felino e fica um bom tempo admirando a obra do suposto mestre. De repente, olha para o Malleta e diz:

— Meu querido, esteja no quintal daqui a quarenta minutos, vamos comprar algumas roupas. Um grande artista como você não pode andar por aí com estes molambos, outra coisa, a partir de agora só me chame de Madrinha!

Com a saída de sua segunda mãe, Zé Malleta aproveita para tirar algumas dúvidas, suspende seu amigo até a altura do rosto, olha fixamente em seus olhos e pergunta:

— Zelinho me diz como conseguiu pintar aquele quadro? Por que nunca me falou que era um artista? Será que você é gente? Lembra daquele filme que o

## ZÉ MALLETA

cara morria e voltava como cachorro? Será que isso aconteceu com você? Será? Bem que eu desconfiava tinha alguma coisa diferente quando você sumia. Às vezes te encontrava no armário bisbilhotando as minhas roupas. Quando jogava futebol, você estava lá querendo roubar a minha bola. De madrugada, seu miado parecia um gemido. Então foi por isso que te peguei dentro do carro do Zé Peixeiro com aquela gata de rabo bonito, seu espertalhão! Além de artista, também gosta de um



belo focinho, não é seu danado? Agora sei porque estava sempre na cozinha, na cadeira, no sofá, assistindo filme. Lembra do Batman? Você nem piscava por causa da Mulher Gato. Espera aí! Agora descobri! Você tinha aula de desenho toda a noite, não é? Era só eu pegar no sono que você escapulia! Por que nunca me chamou Zelinho? Sempre fui seu amigo, você também gosta de peixe, leite e mingau igualzinho a mim. Lembra quando você era bem pequeno? A mãe

colocava o meu prato e você vinha devagarzinho pedir um pouco, nunca te neguei Zelinho, nunca!

Quando percebe que seu amigo gosta das mesmas coisas que ele, uma dúvida percorre a mente: “Qual será a comida preferida de Zelinho?”.

— Zelinho, você gosta mais de peixe, leite ou mingau?

O amigo também fixa os seus olhos, levanta as orelhas, lambe o bigode e responde:

— Minhau, minhau, minhau!

— Valeu amigão, você matou a minha curiosidade!

Nesse instante, lembra-se do encontro com a Madrinha, pega o gato e corre para o quintal. Lá, Maria Olinda está dialogando com o motorista:

— Zé Luiz, retire o carro da garagem.

— Sim, Dona Maria Olinda, qual destes?



\_\_ A Mercedes, pois vamos ao shopping fazer umas compras para o Malleta.

\_\_ Pode deixar patroa, estou aqui para isso...

O homem fica uma arara, suas orelhas ficam vermelhas, o seu rosto se transforma e ele sai bufando como duas locomotivas! Ao observar o Malleta no quintal com o seu companheiro no colo, o chofer joga o carro sobre os dois, quase matando o gato. Olinda percebe a intenção e grita com o motorista.

\_\_ Zé Luiz, o que é isso? Você trabalha para mim há anos! Nunca te vi ter uma atitude como esta! Quase atropela o Malleta! Você não me deixa alternativa senão, despedi-lo. Faça o favor, saia daqui imediatamente!

Zé Malleta vê o homem cabisbaixo e se lembra do seu primeiro trabalho na agência de automóveis e também como fora mandado embora por Zé Paulino. Ele sente na pele a mesma tristeza do mordomo e solicita:

\_\_ Madrinha, não mande o Zé Luiz embora, ele não teve culpa, foi o Zelinho que me arranhou e com o susto pulei à frente do carro.

Por um instante, Maria Olinda observa aquela figura à sua frente. Zé Malleta olha para ela com ar de pidão e mais uma vez comovida com a bondade daquela alma de criança, toma uma decisão.

## ZÉ MALLETA



\_\_ Seu José Luiz Ferrão ouça com atenção! O senhor trabalha comigo há muito tempo e nunca te vi com um comportamento tão hostil! Se quiser continuar trabalhando aqui, terá que mudar essa atitude. O Senhor Malleta é meu hóspede e deve ser tratado com todo o respeito, e mais, na minha ausência ele é o patrão. Estamos entendidos?

\_\_ Sim, senhora! Desculpe-me, isso não se repetirá! Eu prometo!

Malleta, com a inocência que lhe é peculiar, esquece imediatamente o ocorrido e diz ao motorista:

\_\_ Seu Ferrão! Vamos direto para o São Gonçalo shopping.

Zé Ferrão abre a porta do veículo e meio envergonhado, abaixa a cabeça na presença do novo chefe.

\_\_ Sim, Doutor Malleta, pode deixar, estou aqui para isso!

ZÉ MALLETA

Ele se ajeita no banco de trás com Zelinho no colo, põe a cara na janela e ao passar em frente à agência de carros acena euforicamente para Zé Paulino, que está na calçada. O ex-patrão se assusta quando vê Malleta de motorista particular gritando pra ele.

     Zé Paulinoooo!

Sem entender aquela rápida transformação, o antigo patrão fica paralisado, embestado e mumificado, observando a Mercedes sumir na primeira esquina.



# 5

## Peripécias no Shopping

**N**a chegada ao São Gonçalo Shopping Rio, Zé Malleta é barrado na porta.

— Senhor, aqui não entra animal!

— Senhor, ele não é animal é o meu amigo!

— Senhor, não insista! Não posso liberá-lo.

— Senhor, ele vai comigo, não vai atrapalhar porque também é um freguês! Vamos comprar leite, aveia e açúcar para o mingau.

O Guarda Zenildo se irrita e telefona para a administração.

— Alô, Dona Sônia! Tem um gato querendo fazer compras, o que faço?

A gerente, mal intencionada e cheia de charme, logo responde:

— Hoje é sexta-feira, dia de caça. Se for realmente um gato, deixe-o entrar!

Zenildo fica um pouco perplexo com a resposta, mas como diz o ditado: “*manda quem pode e obedece quem tem juízo*”. Imediatamente descreve:

— Ele é realmente um gato, Senhora!

— E é bonito?



— Sim, é muito bonito! Tem olhos azuis e bigode brilhante.

— Então está tudo bem! Mas me faça um favor, pegue o nome e telefone para futuros contatos. Qualquer outro imprevisto me informe.

— Sim senhora.

O guarda segue a risca as instruções da gerência.

— A gerente autorizou, mas vai ter que deixar o nome e o telefone do gato.

Maria Olinda fica admirada com o desempenho do afilhado em conseguir o seu objetivo e dá a referência do bonitão:

— O nome dele é Zelinho e o telefone é 2777-7777.

Em seguida vira-se para o Malleta com um olhar de quem acabou de cometer uma peripécia, segura em seu braço e adentra ao Shopping, dando uma gostosa gargalhada. Ela caminha rapidamente para a loja de roupas masculinas, imaginando seu pupilo, vestido como um executivo. Enquanto isso, a dupla dinâmica entra no corredor lateral e se encanta com a loja “Só Brincando”, onde as bolas estendidas sobre um carrossel colorido que gira no teto do estabelecimento os hipnotizam, refletindo os espelhos que multiplicam as ilusões dos belos soldadinhos de borracha que se encontram na prateleira. Dentro da vitrine, um homem vestido de gato, com enormes orelhas pontiagudas e grandes olhos azuis que os observam atentamente, movendo-se sempre próximo de um gigantesco baú. Malleta olha seu amigo e o compara com o homem gato. Depois, caminha para a sessão de vestuário onde um desfile de roupas infanto-juvenis faz sua imaginação voar. Ele fica fascinado imaginando aquele tênis verde de cadarço amarelo com meias azuis, bermudão verde com grande bolso na lateral, suspensórios, camisa branca com estampas amarelas, um boné celeste com

seis estrelas amarelo ouro na aba. Corre então até a famosa *Déciu's Export*, onde Maria Olinda está escolhendo roupas de griffe e pede insistentemente:

\_\_ Madrinha, madrinha! Compre um tênis, uma camisa, um bermudão e um boné para mim? Compre Madrinha, compra!

\_\_ Calma Malleta, calma! Primeiro as compras mais importantes, depois veremos.

Ela observa alguns manequins imaginando José Pinto Malleta de terno azul marinho com camisa social verde água, gravata branca e um lencinho do mesmo tom em seu bolso.

O inconsolável \*infantilista olha com ar de tristeza.

\_\_ O que foi Malleta? Não gostou? Essas roupas são as mais caras da loja! Você será uma celebridade em Paris, precisa se vestir bem!

Infantilista: pessoa de acentuado espírito infantil; inocente.



\_\_ Sabe o que é madrinha, sempre achei que artista fosse diferente...

\_\_ Como assim?

\_\_ Todo mundo que faz arte, se suja; então tem que andar a vontade! A senhora já viu alguém jogando bola ou soltando pipa de terno e gravata? Assim não dá para fazer arte!

Maria Olinda dá um sorriso e beija o rosto do Malleta, acaricia o seu ombro e exclama.

\_\_ Depois te explico meu querido! Depois te explico!

Sem entender, o homem-menino, aquietar-se ao lado do balcão, escutando a conversa das vendedoras:

\_\_ Ainda não pegaram o ladrão, ele é muito esperto ninguém o descobre.

\_\_ É verdade! Até eu já fui roubada. Deixei a minha bolsa em cima do banco e quando me virei, senti a falta do dinheiro. Se pego o safado não sei o que faço!

\_\_ Dizem que é o Zé Catrinx, ele fugiu da penitenciária. Para reconhecê-lo é só olhar o seu rosto.

\_\_ Estão oferecendo uma nota preta para quem conseguir pegá-lo, ou descobrir seu esconderijo. Quem capturá-lo vai ficar rico!

Zé Malleta se assusta com o comentário das moças e devagarzinho aproxima-se da Madrinha.

\_\_ O que foi Malleta?

ZÉ MALLETA



\_\_ Nada. Já terminou? A loja colorida vai acabar fechando.

\_\_ Só falta pagar. Aproveita e leva essas bolsas que estão muito pesadas.

Ele segura as quatro bolsas de compras e impaciente espera no corredor.

\_\_ Malleta, já terminei por aqui, vamos?

\_\_ Claro que vamos! A loja colorida é logo ali.

\_\_ Tudo bem, você venceu, mas não podemos demorar, está bem?

\_\_ Oba! Que legal Madrinha! Depois a gente passa no mercado pra comprar leite, aveia e açúcar, pro mingau do Zelinho.

No caminho, a alça de uma das bolsas que Malleta segura, se rompe e cai com toda força no rabo de Zelinho que se enroscava nas pernas de seu dono. O bichano leva um baita susto e dispara uma carreira pra dentro da loja de brinquedos, indo se esconder

justamente no baú do homem gato, que entre surpreso e irado, tenta com violência retirar o Zelinho de lá. Furioso, o bichano pula no rosto do grandão, cortando o laço que prendia sua máscara. Zé Malleta corre para socorrê-lo, tropeça no baú e o derruba, a tampa se abre e deixa à mostra um saco cheio de dinheiro. O homem apavorado se desequilibra e cai de cabeça na vitrine mostrando uma horrível cicatriz. Ao perceber o tumulto, os guardas se aproximam rapidamente. As meninas da loja reconhecem o procurado e gritam:

\_\_ É o Zé Catrinx! É o Zé Catrinx!

Uma velhinha dedura:

\_\_ *“Foi o rapaz com o gato que encontrou ele! Que coragem! Ele é muito valente!”*

O Sargento Zé Cataldo, chefe do policiamento dá um cartão ao Malleta.

\_\_ Meu jovem, você vai ganhar uma nota preta por conseguir capturar o fugitivo. Estávamos atrás dele há várias semanas e o meliante estava aqui o tempo todo bem debaixo de nossos bigodes!

A notícia chega rápido ao escritório da administração, aonde as funcionárias comentam o fato:

\_\_ *“Pegaram o Zé Catrinx e o herói é um gato!”*

A gerente lembra-se do número telefônico que recebera do segurança e pensa:

\_\_ “Meninas, esse gato vai ser meu”.

ZÉ MALLETA

Enquanto isso na loja de brinquedos, Maria Olinda diz ao Malleta.

— Você está louco! Esse ladrão é perigoso você poderia morrer! Ah! Malleta! Você sempre me surpreende meu herói!

Malleta tenta explicar:

— Madrinha não fui eu, foi o Zelinho!

— Claro que foi ele, é a sua fonte inspiradora!



Malleta feliz com toda receptividade, aproveita para comprar tudo que deseja, pois já não é mais possível para sua protetora, lhe dizer, não!

— Madrinha, nunca tive uma bicicleta... Aquela com marcha é muito bonita! E a bola de basquete? O jogo de botão, aquele carrinho de bombeiros, a lanterna, o boneco do Batman! Olha aquele radinho de pilha com cara de gato, parece o Zelinho! Também vou comprar uma nova tigela e uma caminha pra ele!

## ZÉ MALLETA

O carro saiu tão abarrotado que não cabia mais nada, nem uma bola de gude.

\_\_ Zé Luiz, agora vamos para casa.

Saindo com as orelhas e bochechas pegando fogo igual uma chaminé, o motorista responde:

\_\_ Sim, Doutor Malleta. Estou aqui para isso.

Na volta pra casa, passam mais uma vez pela agência de carros, Malleta vê Zé Paulino que ainda estava na calçada conversando com um cliente. Espremido na janela por todos os seus presentes, ele dá um aceno derrubando a bola de basquete e o boné azul que comprara no shopping.

\_\_ Zé Luiz! Zé Luiz! Por favor, pare o carro e pegue as minhas coisas que caíram perto da agência!

O chofer encosta o veículo e vai até a revendedora. Zé Paulino educadamente pega os objetos e entrega ao motorista, aproveitando para saber das novidades.



\_\_ Aquele que está no carro é o Malleta?

\_\_ Sim, é o Doutor Malleta!

Zé Paulino arregala os olhos e fica paralisado. Não acreditando no que estava ouvindo, faz um comentário maldoso:

\_\_ Hã? Você disse doutor? Aquela mala sem alça virou doutor? Desde quando? E o que ele está fazendo dentro do carro de Dona Maria Olinda?

\_\_ Eles são artistas, fizeram compras porque vão viajar para a Europa na próxima semana.

\_\_ O quê? Esse mundo tá mesmo perdido! O Malleta na Europa. Eu não acredito!

Zé Luiz olha por um momento para aquele homem curioso e pensa:

\_\_ *“Tá certo que eu não morro de amores pelos hóspedes de Dona Olinda, mas existe alguma coisa nesse camarada debochado!”*

O chofer tem vontade de lhe dá um murro, mas se contem. Despede-se e retorna ao carro. Chegando a casa, pára o veículo em frente ao canil. Zelão ao ver o seu rival todo feliz brincando com uma bola colorida, tem uma crise de ciúmes arrebetando a corrente e quase mata Zelinho. Maria Olinda socorre o bichano e descobre que não passou de um grande susto. Mesmo assim decide levá-lo à Clínica Leão & Cia. do Doutor Zé Leão, amigo de Dona Maria Olinda, para ser vacinado e tosado. Malleta fica no seu quarto

preparando as malas para o seu primeiro voo internacional, quando o telefone toca:

\_\_ Alô, é da casa do Zelinho?

\_\_ Sim, é.

\_\_ Poderia chamá-lo? Aqui é a Sônia, gerente do São Gonçalo Shopping Rio.

\_\_ Infelizmente, ele não está. Foi ao médico e ao salão cortar seus cabelos. Vai viajar para França mais tarde.

\_\_ Sabe quando volta?

\_\_ Não, não sei. Quando retornar, por que não vem falar pessoalmente com ele?

\_\_ Muito obrigada! Pode me dar o endereço?

\_\_ Claro! É na Rua Tabelião Álvaro Silva, 125, na Parada 40.

\_\_ Estarei aí sem falta. Por favor, não esqueça de avisá-lo, está bem?

\_\_ Tudo bem, não se preocupe eu o avisarei.

Malleta dá um leve sorriso no canto da boca por descobrir mais uma aventura do seu amigo. Pega as roupas que comprou na loja e coloca na mala, desembulha o tênis de cadarço amarelo e enrola num saco plástico para não sujar e começa a pensar em voz alta:

\_\_ *“Zelinho é mesmo muito danado, conheceu uma gata e nem me disse nada! Espero que não apronte na viagem!”*



Terminada a consulta de Zelinho, Dona Maria Olinda volta pra casa. Chegando, o motorista pára novamente defronte ao canil. Zelão, quando vê o inimigo todo penteado com um lindo laço branco no pescoço, começa a babar e bufar como um vulcão em erupção. Zelinho, já mais experiente, pula a janela do carro em disparada, entra no quarto alojando-se na macia cama de seu dono.

— Meu camarada você tá lindo, parece um galã de cinema! Seu cabelo tá mais curto, as unhas brilhosas, o bigode tá muito mais charmoso. A Sônia vai se apaixonar! Ela telefonou e vai ligar de novo, quando a gente voltar de Paris. Ela vem falar contigo! Seu danadinho, espertalhão, conhece uma gatinha e não fala pra ninguém, né? Tô começando achar que você esconde as suas aventuras. Zelinho a gente não é amigo? Então, por que todo esse segredo? Você não confia em mim?

Zelinho continua parado, assustado e temeroso por causa do cão. Malleta percebe que o bichano está trêmulo.

— Que isso, Zelinho? Você tá tremendo! Tá bom, não precisa ficar nervoso, se você não quer falar, não toco mais nesse assunto.

Dona Maria Olinda também arruma as malas, embala o quadro do suposto mestre com cuidado para não danificar, pega sua máquina fotográfica e tira algumas fotos do Peugeot prata, para ser oferecido aos colecionadores Europeus. Na saída, o ‘homem-menino’ ajuda a levar as malas para o veículo, quando a alça não resiste ao peso e arrebenta com toda a força caindo no rabo do bichano. Zelinho se assusta, dá um salto mortal e cai nas costas do Zelão, este se transforma num verdadeiro peão-boiadeiro. O cão corre embestado pelo quintal com o felino em sua nuca. Depois de alguns minutos, o rival rende-se ao seu domador com grande fadiga. Zelinho percebe que dominou a fera e sai de suas costas com ar de superioridade, ficando cara a cara com o Pitbull. O cachorro dá uma grande lambida no próprio focinho, olha para Zelinho com ar de quem não quer mais brigar e exaurido se rende. É o começo de uma bela amizade.

Maria Olinda, Zé Luiz e Zé Malleta se olham e não acreditam no que estão assistindo:

## ZÉ MALLETA

\_\_ Malleta! Seu gato acabou de fazer um milagre, pois ninguém até hoje conseguiu amansar o Zelão, o único que se aproximou dele é o Zé Luiz!

\_\_ Madrinha, Zelinho não é gato, é o meu amigo. Ele é assim mesmo: cheio de segredos!

\_\_ Malleta, agora sei porque ele é a sua fonte de inspiração e seu fiel escudeiro. Bom, deixemos de conversa e vamos para o aeroporto.

\_\_ Zé Luiz, pegue o carro.



\_\_ Sim senhora, pode deixar, estou aqui para isso.

Chegando ao aeroporto, o motorista retira as malas para o embarque. Malleta observa em seus olhos uma vontade de dizer algo.

\_\_ Zé Luiz, o senhor está bem?

\_\_ Sim, Doutor Malleta, eu estou bem. Mas tenho algo a lhe dizer. Primeiro, gostaria de desejar boa sorte na França, depois, quero pedir desculpas pelo incidente do outro dia. Estou muito envergonhado por

ter jogado o carro em cima do senhor. Não fiz por mal, me lembrei de meu filho – o Zé Antônio Ferrão –, ele morreu atropelado quando ia salvar um gatinho que atravessava a rua. Desde então, passei a detestar todos os felinos. Mas, o senhor me defendeu, mesmo sabendo que eu não merecia. Aquela sua atitude falou fundo no meu coração, percebi que o senhor é uma pessoa boa e honesta, que o Zelinho é diferente e não teve culpa na morte do meu único e querido filho. Por isso quero pedir perdão e lhe dizer que pode contar sempre comigo.

Malleta fica comovido com a explicação do motorista. Põe a mão no seu ombro e diz:

— Seu Ferrão, tá perdoado! Não precisa chorar porque errar é humano, eu também erro às vezes, só te peço que cuide bem do Zelão e da casa até nossa volta, está bem?



— Pode deixar Doutor Malleta, não se preocupe, estou aqui para isso.



# 6

## A viagem

**Z**é Malleta senta-se próximo da janela e assim que o avião alcança as nuvens, ele se aconchega em sua poltrona, fecha seus olhos e imagina-se de braços abertos flutuando naquele lindo céu, estendido ali, como um imenso lençol de algodão doce. Ele embarca na fantasia de seu voo particular contornando o arco-íris, fazendo piruetas, acrobacias, como se fosse o próprio super-homem. Olha para o lado, observa outras nuvens formando desenhos e logo descobre a cabeça, o tronco e os membros do seu melhor amigo. Do outro lado, vê um castelo medieval se aproximando, depois, um barco pirata acompanhado por golfinhos. Então o infantilista pensa:

\_\_ Puxa! Como é bonito aqui em cima! Como é bom flutuar! Flutuar! Flutuar!

O avião deixa as nuvens e voa um pouco mais baixo, Malleta olha para o chão e descobre outras imagens. Estas são mais duras e causam dor no seu coração! Há em seu rosto um misto de surpresa e lamento!

\_\_ Meu Deus, meu Deus! Não imaginava que as casas tinham quintais tão apertados e telhados tão velhos; rios sujos, que lugar feio, quase não tem árvores! Quanto lixo espalhado pelas ruas; crianças brincando perto das valas negras; gente dormindo no chão... . Olha só, aquele engarrafamento! Ninguém vai chegar cedo em casa!

Após alguns instantes, Malleta se depara com uma situação completamente oposta.

\_\_ Meu Deus, meu Deus! Agora tá tudo diferente! As casas têm piscinas, campo de futebol e até cavalos! As crianças brincam de patins; os meninos jogam basquete.

Naquele instante, Malleta faz uma breve reflexão.

Por que será que aquelas primeiras crianças estavam brincando na lama, e estas não? Por que essas casas são tão bonitas e aquelas não?

Malleta continua absorto em seus pensamentos, quando o sono o vence.



# 7

## Em Paris

**A** Algumas horas depois...

— Malleta acorda, acorda! Já estamos chegando a Paris!

Zé Malleta começa a ouvir uma voz feminina soar nos ouvidos. Vira-se para a esquerda como se fosse um planador ou um pelicano num profundo voo, vira-se para a direita e esquece da vida.

— Malleta acorda! Acorda seu dorminhoco! Acorda para ver a Torre Eiffel, o Rio Sena, a cidade de Napoleão Bonaparte! Você está perdendo a oportunidade de conhecer a cidade do alto!

Malleta desperta do seu profundo sono, arregala seus olhos, levanta os braços, coça a cabeça e abre uma bocarra.

\_\_ Hã? O que foi Madrinha, não entendi nada?

\_\_ Olhe! Já chegamos à França! Veja quanta coisa bonita! Este é o velho mundo, meu querido! Este lugar está repleto de história. Paris é a capital mundial da arte! Vou te levar para conhecer os museus, os teatros, os cafés, tudo! Vamos trabalhar e nos divertir muito!



Malleta olha para a janela embaçada, passa a mão no vidro e a primeira coisa que vê é uma escola francesa com várias crianças uniformizadas e se lembra de que ainda não terminou o ginásio, quer dizer o ensino fundamental.

\_\_ Madrinha, quando a gente voltar pra casa quero ir pra escola. Preciso terminar os meus estudos. A

mãe tá sempre dizendo isso, mas eu não ligava muito. Agora sou diferente, eu quero que a senhora me ajude.

Maria Olinda dá um belo sorriso de satisfação, beija o rosto de seu afilhado e diz:

— Claro que sim querido! Não se preocupe, estou aqui para isso. Vai ser a primeira coisa que faremos quando retornarmos ao Brasil.

Maria Olinda e seu artista desembarcam no aeroporto Le Champ, tomam um táxi e seguem para a cobertura na Alameda Fleur d'Amour, 76 no coração de Paris. Malleta fica maravilhado com o lugar.

Chegando ao apartamento, José Malleta Pinto deslumbra-se com um lugar muito espaçoso, decorado com extremo bom gosto. Maria Olinda, envolvida com uma alegria esfuziante, começa a mostrar as dependências ao querido afilhado: a cozinha, a área de serviço, o banheiro social, as suítes, a sala de som e vídeo, a sala de estar com dois jogos de sofá e a sala de criação com uma ampla varanda de frente para a famosa Torre Eiffel. Esse era sem dúvida, um novo mundo pro Malleta. Após conhecer o apartamento; ele vai para o quarto e se depara com um sonho. A decoração é requintada; os armários são embutidos, a cama cor de marfim decorada com muitas almofadas coloridas e um tapete cor de vinho, extremamente felpudo. Malleta fica extasiado com tanta beleza. Contudo toma um banho e começa a arrumar suas roupas no armário, pega a nova

caminha do Zelinho que comprou no shopping e põe em cima da poltrona, nesse momento escuta o chamado da Madrinha.

\_\_ Malleta, preciso falar contigo.

\_\_ O que foi Madrinha?

\_\_ Olhe, vou sair para fazer uns contatos. Por favor, não saia do apartamento e não deixe ninguém te ver porque sua apresentação tem que ser em grande estilo!

\_\_ Tudo bem Madrinha, mais alguma coisa?

\_\_ Vou te dar uma nova tarefa, pegue as tintas, os pincéis e a tela virgem que estão na valise. Quero que comece a produzir um novo quadro para a exposição. Se sentir fome, a geladeira está cheia, sirvam-se a vontade.

Dona Olinda beija seu pupilo, pega o quadro que trouxe do Brasil e sai apressadamente. Uma hora e meia depois, chega ao seu destino.

\_\_ Dona Maria Olinda! Que saudades! Que prazer reencontrá-la! Há quanto tempo, minha amiga! Por que não me avisou que estava chegando? Eu iria buscá-la no aeroporto!

José Miguel Ângelo um velho amigo de Maria Olinda, é nada a menos que; o maior especialista em pintura moderna da Europa. É para o seu ateliê que a Madrinha leva o extraordinário trabalho do Malleta.

— Ora, Zé Miguel, não se preocupe com isso! A viagem foi ótima! Tudo correu muito bem. Por outro lado, não queria incomodá-lo, sei que você tem muitos compromissos! Mas vamos ao que interessa, vim para que avalie este trabalho. Quero sua opinião sincera, esqueça que somos amigos, ok? Quero uma crítica independente, depois te conto quem foi o autor da obra.

— Com certeza avaliarei para a senhora, mas, confesso que estou um pouco desanimado. Não aparece um quadro de qualidade há anos! Acho que as pessoas perderam a sensibilidade artística!

A escultora fica em silêncio, retira cuidadosamente o envolto que protege a tela e mostra a sua nova descoberta. Zé Miguel olha de perto, depois se afasta para melhor observação. Abre as janelas para que o sol reflita nas tintas e revele talvez, algum defeito. Mas, quando a luz toca o quadro, José Miguel Ângelo fica perplexo com tanto esplendor! Seus olhos e coração estão iluminados e ele fica boquiaberto!

— O que foi Zé Miguel? Não gostou do quadro? Pode falar!

— Não, Dona Maria Olinda, não é isso! É que não conheço essas cores! Veja, são tão cintilantes! Não consigo identificá-las! Vou buscar o catálogo, mas tenho quase certeza de que essas tonalidades não são registradas.

Maria Olinda fica apreensiva, esperando o veredicto do melhor crítico de arte da Europa. José Miguel Ângelo volta com um sorriso entusiasmado.

— Dona Maria Olinda, quem fez este quadro também descobriu uma nova coloração. Essa obra vale uma fortuna! A senhora não pode ficar andando com esta preciosidade por aí! Melhor guardar no cofre do Banco francês e fazer um seguro antes de qualquer exposição!

— É o que vou fazer agora mesmo! Ah! Meu amigo, muito obrigada! Olhe, estou organizando um coquetel para apresentar o meu pupilo, assim que estiver tudo acertado, ligarei para você. Faço questão de sua presença nesse evento!

— Minha amiga, eu não perderia isso, por nada!

Despedem-se e Maria Olinda sai da casa do amigo, super feliz. Mais do que depressa vai até uma Seguradora depois ao Banco e por último marca uma coletiva com a imprensa local.

Os repórteres estão afoitos e enchem a escultora de perguntas.

— Dona Maria Olinda, qual o nome desse novo gênio?

— A senhora não vai nos apresentar? Queremos entrevistá-lo com urgência!

\_\_ Calma, senhores! O nome dele é José Malleta Pinto mais conhecido como Zé Malleta. Tudo o que posso dizer no momento! Ele é um artista que unificou todas as tendências e ainda descobriu novas cores!

E uma nova bateria de perguntas recomeça:

\_\_ Qual é o nome deste quadro?

\_\_ Que processo ele utilizou para descobrir as novas cores?

\_\_ Ele já fez outras exposições?

\_\_ Qual a sua nacionalidade?

\_\_ Calma, senhores! Não posso responder todas as perguntas, pois a maioria delas diz respeito ao senhor Malleta. Portanto, convido todos vocês para estarem amanhã à minha casa às vinte e uma horas para um coquetel em homenagem a este novo gênio da pintura. Lá, poderão fazer todas as perguntas e fotografar o artista juntamente com suas obras, está bem? Tenham todos uma boa tarde e até amanhã!

Dona Maria Olinda encerra a coletiva e volta toda contente para casa. Ao chegar, encontra a dupla dinâmica vendo o filme da mulher gato.

\_\_ Malleta, você já terminou o novo quadro?



\_\_ Ainda não Madrinha, mas não se preocupe que Zelinho pinta tudo rapidinho!

\_\_ Já estava me esquecendo de sua fonte inspiradora! Mas veja bem, amanhã este quadro tem que estar pronto! Prepare-se, porque a televisão e os jornais estarão aqui para entrevistá-lo.

\_\_ Tudo bem, Madrinha! Estarei preparado.

\_\_ Não se esqueça! Quero que se vista como um verdadeiro artista!

\_\_ Tudo bem Madrinha! Colocarei a minha melhor roupa.

Ao termino do filme, Zé Malleta pega o amigo e vai para a sala de criação, separa algumas tintas para a execução de uma nova obra. O gato olha para a tela, olha para as tintas e olha para o companheiro.

\_\_ O que foi Zelinho? O que tá acontecendo? Nunca me viu? Pare com isso e comece a trabalhar! Não me vai dizer que está com preguiça! Você não

## ZÉ MALLETA

pode me deixar na mão agora! Pô cara! Qual é a sua? Eu sempre fui seu amigo, Zelinho, sempre te apoiei. Já sei! Você tá com fome quer um prato de mingau, não é?

Malleta vai até a cozinha, capricha o leite com bastante aveia e trás quentinho na tigela. Zelinho bebe até lamber os beiços e cai na sua caminha num ronco profundo...

\_\_ Tudo bem! Você não tá a fim! Então deixa que eu mesmo faça!



Malleta pega o cavalete, a tela, as tintas, coloca no canto da varanda; e senta na poltrona para se inspirar.

\_\_ Vou pintar! Vou pintar a mulher gato! Não, vou pintar o Zelinho cavalgando em Zelão! Mas ele não merece me deixou aqui sozinho... Já sei, vou pintar um avião contornando a torre, sobrevoando uma rua com vários carros engarrafando o trânsito; uma casa de

telhado envelhecido e outras com piscinas cheias de ratos e um rio poluído!

Malleta começa sua obra de arte, mas sente dificuldade em acertar os desenhos planejados. Passado um tempo, pega uma moeda e cola formando os pneus dos veículos. Pega alguns palitos de fósforo e imita as ferragens da torre, as nuvens são formadas com alguns pedaços de algodão, o avião, as ruas e as casas foram desenhadas o seu bel-prazer. A seguir, preocupou-se com as cores.

\_\_\_ O carro vai ser preto; essa rua laranja e marrom; o céu azul com vermelho; o avião amarelo; a torre azul e as nuvens laranja.

Depois de horas, extremamente cansado, Malleta joga-se na poltrona reclinável e adormece profundamente. De madrugada bate um pé de vento e cai uma garoa, transformando a pintura em desenhos surrealista. Zelinho se levanta com o barulho e caminha até o varandão, pisa na tinta azul que escorre da tela, depois volta para a sua confortável caminha. Pela manhã, um sol surpreendente entra pela janela despertando o suposto artista. Malleta estica os braços, coça a cabeça e abre uma bocarra.

\_\_\_ Zelinho! Zelinho! Levanta, vou fazer o seu mingau.

O felino vira-se para a esquerda e mostra as patas pintadas. Vira-se para a direita e esquece da vida.

Malleta ao ver as patas azuis de seu amigo, arregala os olhos e diz:

\_\_ Zelinho, o que você fez? Tá com as unhas toda colorida!

Adivinhando o que acontecera, Malleta corre até a varanda e encontra o quadro todo transformado.

\_\_ Eu sabia, meu amigo! Sabia que você não ia me deixar na mão! Por que não falou que gosta de trabalhar sozinho? Se soubesse, tinha deixado você bem à vontade. Esperou-me dormir para modificar o quadro, não é, seu danado? Você ainda vai me ensinar a pintar, não vai? Diga o que você quer para me ensinar? Diga, diga, pode dizer que eu faço!

Zelinho fixa seus olhos nos olhos do amigo, levanta as orelhas, balança o corpo, passa a língua no bigode e responde:

\_\_ Minhau! Minhau! Minhau!

\_\_ Está fechado, te dou mingau e você me ensina!



Malleta fica todo animado com o novo professor de arte, corre até a cozinha, gritando e puxando sua protetora:

\_\_ Madrinha! Madrinha! O quadro tá pronto, tá pronto!

Dona Maria Olinda sossegada tomando o seu chá de capim limão com torradas, é tomada pelo o susto e pelos gritos do Malleta.

\_\_ Madrinha! Madrinha! O quadro tá pronto vem ver!

\_\_ Espere Malleta, espere um pouco! Estou indo! Estou indo!

Diante do quadro, a sua protetora fica paralisada, estarecida e mumificada. Quase sem respiração!

\_\_ Malleta, você é o maior artista contemporâneo que eu já conheci! Os seus riscos são fantásticos! As cores são ímpares! Tu és um verdadeiro gênio, meu filho!

\_\_ Mas não fui eu, foi o Zelinho!

\_\_ Já sei, não precisa repetir, ele é a sua fonte inspiradora!

\_\_ Mas não fui eu, foi o Zelinho mesmo, olhe as unhas dele, ainda estão sujas de tinta, ele pintou à noite toda, enquanto eu dormia.

Maria Olinda repara as patas do bichano, olha a mesma tinta no chão da varanda e responde:

ZÉ MALLETA



\_\_ Malleta, é melhor limpar o piso, se não, você também acabará sujando os seus pés!



# 8

## Nasce o Gênio

O dia está lindo e o tempo é curto para tantos afazeres. O vaivém toma conta da casa. Gigi, a empregada e Pierre, o mordomo, contratado especialmente para a ocasião, estão completamente envolvidos em seus trabalhos. Organizam os garçons, verificam as bebidas, orientam os ornamentadores e assim os arranjos florais são postos aqui e ali, transformando todo o ambiente. Os músicos chegam com seus instrumentos e a música enche a casa de alegria. O cheiro dos canapés e salgadinhos aguça o paladar. A noite chega. Maria Olinda orienta seu protegido.

\_\_ Meu querido afilhado, os repórteres devem chegar a qualquer momento. Quero que se vista como um grande artista ouviu? Logo, logo você será uma celebridade internacional! Só saia do quarto quando estivermos brindando o seu sucesso, está bem?

\_\_ Não se preocupe, Madrinha, vou me arrumar como a senhora pediu.

O interfone toca e Gigi atende. Do outro lado da linha está o porteiro.



\_\_ Senhorita Brígida! Por gentileza, queira avisar madame Maria Olinda que a imprensa já chegou.

\_\_ Sim, seu Zepelim, pode mandá-los subir e obrigada!

O porteiro desliga o interfone e libera os jornalistas, que seguem freneticamente até ao elevador. Maria Olinda os recebe com um sorriso aberto. Ela está com um lindo e longo vestido verde água da Maison *Le Barsi*, sapatos à Luiz XV bordados no mesmo tom do

vestido, gargantilha, brincos de esmeraldas e um relógio de ouro suíço.

Após mostrar os quadros e os seus detalhes técnicos, assim como a descoberta das novas cores e a mistura de estilos, a anfitriã faz sinal aos garçons para que seja servido o champanhe. As taças de cristal dão ao líquido borbulhante, um ar sofisticado. A cicerone pede a atenção de todos e diz:

— Senhores! Quero convidá-los a brindar o novo gênio das artes plásticas! Um brinde ao Senhor Malleta!

E todos tomam no mesmo instante e se engasgam no mesmo segundo ao ver surgir diante de seus olhos, uma figura vestida de maneira inusitada. Era o Malleta de bermudão, camiseta, suspensórios, boné e tênis colorido. Maria Olinda fica atordoada, chocada e paralisada! Olha meio sem graça para os jornalistas, pega o Zé pelo braço e o conduz a um canto da sala.



\_\_ O que é isso, Malleta? Você está maluco! Tá me envergonhando na frente de toda essa gente! Isso aqui não é brincadeira! Nós não estamos em casa e sim em Paris! Era para você colocar o terno e não essa roupa de adolescente! Quer me matar do coração?

Como fosse a coisa mais natural do mundo, o infantilista responde:

\_\_ Não, madrinha, de jeito nenhum! A senhora é minha amiga, nunca que eu ia te fazer mal! É que a senhora disse pra me vestir como um verdadeiro artista, não foi? Então, me vesti! A roupa que a senhora escolheu é muito bonita, mas não dá para fazer arte de terno e gravata!

Os fotógrafos ao assistir a cena, adoraram a novidade e entraram logo em ação. Malleta tornou-se uma verdadeira celebridade internacional. Classificado como um autêntico e irreverente gênio latino americano. Suas roupas viraram griffes e os seus quadros alcançaram preços incalculáveis. Maria Olinda rendeu-se ao seu modo de vestir e passaram mais alguns dias na França.

\_\_ Malleta, você é altamente imprevisível! Tudo que faz dá certo! Seus quadros são os mais desejados; suas roupas viraram modas e tornou-se uma figura de destaque em toda à comunidade européia. Estou muito feliz e orgulhosa! Creio que merecemos um descanso; o que me diz? Afinal, trabalhamos muito, não acha?

Vendemos os dois quadros e fechamos contrato com várias fábricas de roupas. Agora é hora da diversão! Vou levá-lo para conhecer a noite em Paris!

Dias seguiam e Malleta tornou-se figurinha fácil nas noites da Cidade Luz. Os paparazzos com suas máquinas pipocando flashes luminosos, o procuravam em todos os lugares e o infantilista parece um rei de tanta felicidade. Enfim, chega à hora de voltar para o Brasil. Depois das malas prontas, Malleta comenta com seu amigo:

— Zelinho, que bom voltar para casa, não é? Já estava sentindo falta do calor de São Gonçalo. Aqui é muito bonito, mas faz muito frio!

Dona Maria Olinda telefona ao amigo José Miguel Ângelo, para que ele os acompanhe até ao aeroporto. Chegando lá, aproveita para deixar as fotos do carro, pintado por Malleta, com o crítico de arte, visando futuras negociações no velho continente. Despedem-se e embarcam para o Brasil.

# 9

## O herói nacional

**J**á no Brasil, uma multidão os aguarda no saguão do aeroporto. Malleta é logo cercado pela imprensa nacional com muitos microfones e repórteres por todos os lados e fica extasiado, nunca tinha visto tanta gente junta. Surgem convites das rádios, entrevistas nos jornais e até comerciais de TV. Tudo é minuciosamente anotado pela madrinha e empresária. É ela quem diplomaticamente, leva Malleta para casa, depois de prometer uma coletiva a imprensa. Ao retornar a São Gonçalo, Malleta sente-se feliz por estar em sua terra natal. Os jornalistas pedem entrevista; as pessoas autógrafos. Todos querem o Malleta. O Prefeito decreta: Dia Municipal da Arte em homenagem ao seu filho mais ilustre. A festa parece interminável.

Uma semana depois, Malleta se prepara para voltar ao seu bairro. Apesar de toda agitação vivida nos últimos dias, havia algo que o Zé desejava mais que tudo: rever sua mãe, seu coração ardia de saudade, sentia falta do seu café, da comida e até da caminha

apertada no único quarto da casa. Malleta chama o mordomo e pede para retirar o carro:

\_\_ Zé Luiz, vamos ver minha mãezinha, tô morrendo de saudades.

\_\_ Doutor Malleta, lamento informar, mas isso não será possível, porque o povo bloqueou a saída. Veja o senhor mesmo!

Malleta olha através da cortina entreaberta e se assusta com a multidão do outro lado do portão de ferro. Pessoas de todas as idades se espremem entre as grades, querendo entrar e pegar um autógrafo. De repente aparece um anãozinho com uma filmadora enrolada no pescoço, subindo no pé de jambo, algo inusitado acontece. Um vento forte, vindo sei lá da onde, balança furiosamente a árvore e o homenzinho, pimba! Despenca próximo ao canil de Zelão. O animal extremamente feroz corre para estraçalhar o invasor. O pavor é tamanho que a perna curta dispara queimando grama e deixando cair o seu equipamento. Zelão fica possesso por não conseguir atacar o anão e destrói completamente a filmadora do assustado cameraman. Malleta observa como se estivesse vendo um filme e pensa alto:

\_\_ Caramba! E agora, como vamos sair?

O mordomo se lembra de um detalhe importante, havia uma passagem secreta na mansão.

\_\_ Doutor Malleta, existe outra saída!

\_\_ Como outra saída? Por onde?

\_\_ Venha comigo! É uma passagem subterrânea que Dona Maria Olinda mandou construir para fugir da imprensa sensacionalista!

# 10

## Retorno ao lar

**E** assim, eles partem para a casa da mãe sem serem notados pela população.

Logo que chegam, o coração do homem-menino dispara e quase não consegue se conter, sua vontade é de gritar bem alto:

— “Mãe Celina! Mãe Celina, eu voltei! Eu voltei! Tô aqui, mãe Celina!”.

Mas ele espera, abre o portão bem devagar, entra na ponta dos pés, procura aqui e ali, até que olha a sua mãezinha no tanque lavando roupas. Aproxima-se sorrateiramente e... Zás! Taca-lhe um beijo na nuca. Dona Celina leva um grande susto e se desequilibra, Malleta a segura nos braços.

— Zé! Pelo amor de Deus, você quer me matar do coração! Como que chega quieto desse jeito! Parece o Zelinho quando quer mingau!

— Queria fazer uma surpresa pra senhora, só isso!

Ela abre um sorriso do tamanho do mundo.

\_\_ Ora, venha cá seu peralta, deixa eu te olhar de perto! É você mesmo!

\_\_ Claro que sim, mãe Celina! Não tá me conhecendo, não? Eu não fiquei fora tanto tempo assim!

\_\_ Ah, meu Deus! Olha só pra isso! Meu Zé tá de volta, que saudade, filho!

Eles se abraçam e sorriem como dois amigos, como todos os pais e todos os filhos deveriam ser, mesmo assim, o coração de mãe reclama:

\_\_ Zé, você me abandonou! Viajou sem dizer nada. Não gosta mais de mim, não é? Agora só quer saber de Dona Maria Olinda!

\_\_ Não, mãe, não é assim! A senhora é minha mãezinha querida! Eu nunca que ia te esquecer!

\_\_ É assim, sim! Se você fosse um bom filho, teria me avisado dessa viagem lá pras Europa. Eu aqui me consumindo de preocupação, e você lá, se divertindo!

\_\_ Foi tudo tão rápido, que não deu tempo de avisar! Também, pudera! A gente não tem nem telefone! Mas agora, vai ser diferente! Eu vou comprar um pra senhora!

\_\_ Eu não quero telefone nenhum, quero é meu Zé bem perto de mim! Mas me conta! Como foi a viagem? Como é andar de avião? Você teve medo?

\_\_ Tive! Claro que tive! Deu até dor de barriga, mas não disse nada pra madrinha, porque fiquei com vergonha! Mas voar é bom demais, mãe! Eu me senti como se fosse o super-homem lá nas nuvens!

\_\_ E Dona Maria Olinda! Cuidou bem de você? Eu tive tanta preocupação! Imagine! Fiquei sabendo de sua viagem pelo Zé Paulino. Ele disse que você passou por lá num carrão cheio de embrulhos e o motorista falou que você ia viajar com Dona Olinda à França. Eu fui até à mansão de sua madrinha e o mordomo me confirmou toda a história. No começo fiquei chateada, mas depois pensei que era bom para seu futuro, então voltei pra casa e toda noite, antes de deitar, rezei por você. Ah, filho, que saudade, meu amor!

Malleta olha para aquela figura tão doce, tão querida! E um pensamento lhe percorre a mente:

\_\_ *“Estou em casa! Estou com a minha mãezinha!”*

E eles se abraçam, mais uma vez, misturando choro, riso, beijos e muita; muita saudade!

Depois do encontro com a mãe, Malleta retorna à casa de sua madrinha. Lembra-se da promessa de voltar a estudar e mais que depressa, matricula-se no supletivo e começa a sua caminhada rumo ao conhecimento. Ele se empenha muito para mostrar a Dona Maria Olinda a gratidão pelo que fez em sua vida. Paralelo aos estudos básicos, o dedicado estudante vai para uma escola de

artes plásticas. Em pouco tempo as mudanças se tornam visíveis. Malleta é uma nova criatura, conservando, porém, seu jeito doce e inocente de ser. O trabalho é incessante, o movimento artístico se espalha por todos os lados. O prestigiado artista leva o prefeito a criar uma Escola de Artes Plásticas com espaço para todas as tendências. Isso altera o comportamento da cidade que se transforma num grande Centro Cultural. As escolas fazem redações, concursos e gincanas. Os compromissos se multiplicam. Malleta viaja por todo o país, ministrando as palestras sempre na companhia de seu fiel amigo Zelinho.

O tempo passa e Zelinho começa a ficar muito quieto. Numa linda tarde de verão, ele acorda e não consegue se levantar, tenta mais uma vez, bambeia e cai de novo, Malleta o observa e percebe que sua barriga está inchada e os seus olhos lacrimejantes.

— Madrinha! Madrinha! Zelinho não está nada bem; ele não consegue ficar de pé, tá todo bambo, a barriga está inchada e parece que está chorando, olha só!

Dona Maria Olinda examina o felino, confirmando o diagnóstico.

— É, realmente, ele não está nada bem! Vamos levá-lo ao médico veterinário.

ZÉ MALLETA

Malleta chama Zé Luis e eles seguem para a clínica Leão & Cia. onde são imediatamente atendidos pelo Doutor Leão.

\_\_ Olá, Dona Maria Olinda, vamos entrando.



\_\_ Doutor Zé Leão, boa tarde! Este é o Zelinho, como lhe disse ao telefone! Não sabemos o que ele tem tá todo molengo! Acho que está com febre!

\_\_ Deixe-me examiná-lo! Ponha-o aqui na maca.

Depois de algum tempo, o doutor diz:

\_\_ A princípio não vejo nada grave, pode ser uma virose, mas será preciso fazer alguns exames para termos certeza. Quero que o deixem aqui comigo e não se preocupe, ele ficará bem!

Malleta sai tranquilo do consultório, embora, demonstre uma tristeza por deixar o amigo, Zé Luis o consola.

\_\_ Doutor Malleta, fique calmo! Nosso amigo é muito forte, vai ficar bom, logo, logo!

ZÉ MALLETA

\_\_ Obrigado pelo apoio, Zé Luiz. Você é um bom amigo!

\_\_ Doutor Malleta, é um prazer ajudá-lo, estou aqui para isso.



# 11

## Simplemente Sônia

**C**hegando à mansão, Malleta avista uma moça aguardando no portão. Ele desce do carro e vai ao seu encontro.

\_\_\_ Boa tarde! A senhora deseja alguma coisa?

\_\_\_ Sim! Desejo falar com o Zelinho! Marquei um encontro com ele.

\_\_\_ A senhora é a Dona Sônia do São Gonçalo Shopping Rio?

\_\_\_ Sim, sou eu! E o senhor?

\_\_\_ Sou José Malleta Pinto, às suas ordens!

\_\_\_ Malleta? O artista?

\_\_\_ Sim, sou eu! Falamos-nos por telefone há algumas semanas, não foi?

\_\_ Meu Deus! Eu não acredito! Estou diante do grande Zé Malleta!

\_\_ Por favor, vamos entrar que te explico melhor!

Dona Maria Olinda e Zé Luiz desconfia de um futuro romance e deixam os dois conversando a sós.

\_\_ Infelizmente Zelinho não está! Ele foi internado, com uma virose e vai ficar alguns dias na clínica.

Eles passam algum tempo conversando sobre seus trabalhos. Malleta a leva até o ateliê e lhe mostra alguns de seus esboços. Sônia está tão encantada com o que vê que não percebe que chegara a noite, ela se despede, desculpando-se por ter tomado tanto tempo do artista, mas Malleta também está encantado com a bela morena e não deseja vê-la indo embora, então surge o convite:

\_\_ Não precisa se desculpar! Eu gostei muito de lhe conhecer, passamos horas agradáveis e isso foi muito bom! Já que estás aqui, aceita jantar comigo?

A moça fica surpresa com o inesperado convite, mas aceita de imediato.

\_\_ Claro que sim! Não há nenhum problema! Não posso negar o convite de um amigo do Zelinho, não é mesmo? Ainda mais sendo um homem tão gentil e interessante! Confesso que no primeiro instante, te confundi com ele, por causa dos olhos azuis e o bigode brilhante. Você também é um gato!

Malleta fica envergonhado, corado e sem graça, mas retribui a gentileza.

\_\_ Obrigado! A senhora também é muito bonita! Deve receber muitos elogios!

\_\_ É verdade! As pessoas comentam! Mas, gostaria de pedir um favor, não me chame de senhora, eu tenho idade para ser sua irmã mais nova, não acha?

\_\_ Me desculpe! É a minha maneira de ser! Mas tudo bem! A partir de agora só te chamarei de Dona Sônia, ok?

\_\_ Não! Só de Sônia, somente Sônia, combinado?

\_\_ Combinado! Dona Sônia! Quer dizer Sônia! Simplesmente Sônia, Sônia, Sônia, Sônia! Não vou esquecer; Sônia!

E os dois caem na gargalhada como se conhecessem há muito tempo. Depois deste momento de descontração, Malleta procura indagar sobre a preferência alimentar de sua nova amiga.

\_\_ Sônia, você gosta de peixe?

\_\_ Adoro! Principalmente com um pirão bem suculento.

\_\_ Então já estamos falando a mesma língua!

\_\_ Zé Luiz, providencie aquele \*congro-rosa com bastante pirão e arroz branco, pra gente?

\_\_ Pode deixar Doutor Malleta, não se preocupe, estou aqui para isso.

Congro-rosa: peixe da costa atlântica.

Malleta e sua convidada jantam. Logo depois, o mordomo trás duas taças com doce de pêssego em calda, coberto com um delicioso creme de leite. Malleta observa como a bela morena saboreia a sobremesa e pergunta:

— Você gosta muito de creme de leite, não é?

— Adoro tudo que tem leite! Minha mãe prepara um mingau de aveia, maravilhoso!

Malleta arregala os olhos, coça a cabeça e fica admirado com as coincidências de paladares e pensa:

— *“Além de linda (morena, alta, olhos verdes, cabelos longos, pernas grossas...) é inteligente, essa gata tem bom gosto! Adora leite, mingau e peixe igualzinho a mim. Camarada esperto, esse Zelinho, não deixa escapar nada! Já tem várias namoradas em sua vida, podia liberar a Sônia! Que egoísta! Quer tudo só para ele! Quando voltar do hospital vamos ter uma conversa muito séria! Antes, quero que tenha saúde e nada de inchaço na barriga. Volta amigão, estou com muitas saudades! Gosto de você como um irmão, sem você, eu não seria ninguém.”*

Malleta começa a ficar com os olhos cheios de lágrimas, levanta e caminha para o sofá, Sônia o acompanha.

— Você está com os olhos vermelhos!

Malleta tenta disfarçar escondendo o rosto.

— Não precisa ter vergonha de chorar! Está preocupado com o seu amigo, não está?

Sônia senta-se ao seu lado e vê como aquele homem está só e desprotegido. Ela lhe dá um abraço carinhoso e acolhedor. Malleta deixa envolver-se. Então ela faz cafuné e lhe beija a nuca, levanta o seu rosto, limpa as lágrimas e lhe dá um selinho. Malleta fica surpreso, para o choro, olha fixamente pra Sônia. Observa sua boca carnuda, passa a mão delicadamente em sua face, deslizando até os seus cabelos e a envolve em seus braços num beijo ardente. Seu coração acelera, um arrepio percorre o seu corpo. De repente, o remorso ocupa o seu lugar de direito.

— Eu não posso fazer isso! Você é a namorada do Zelinho, meu melhor amigo! Jamais me perdorei por esta atitude! Ele está hospitalizado e eu aqui, o traindo. Não, não posso fazer isso! Não posso ficar com você! Nunca mais! Nunca mais!

— Malleta, calma! As suas idéias não correspondem aos fatos. Eu não sou a namorada do Zelinho! Ele deixou o telefone na entrada do shopping. Estou aqui para conhecer o gato que prendeu o Zé Catrix. Eu nunca vi o Zelinho pessoalmente, nunca conversei com ele! Você está redondamente enganado! Confesso que estava curiosa para conhecê-lo! Mas o destino me pregou uma peça e me fez te conhecer. Estou encantada! Por favor, não estrague esse

momento! Mesmo que depois venha conhecer o Zelinho, não vai mudar o que aconteceu aqui. Eu te achei Senhor Malleta, e não vou deixá-lo sair da minha vida! Achei o homem que vai ser o pai dos meus filhos!

Ao ouvir aquela declaração de amor, nosso herói fica sem saber o que fazer. O ambiente criado pela situação torna-se constrangedor. Sônia percebe sua frieza e sente-se envergonhada. Uma lágrima embebeda os seus olhos, num impulso, ela se levanta para ir embora, Malleta a segura.

— Não se vá! Sônia, por favor, não vá embora! Depois de suas palavras percebi a verdade! Você não fez nada de errado. Fui eu quem errou! Você não merece ouvir palavras tão grosseiras. Só faço bobagens, não fique triste comigo! Por favor, não fique!

Malleta pega na sua mão e voltam para o sofá. Ele ainda está triste, por um momento põe a cabeça em seu ombro. Sua amada, então lhe beija na nuca, levanta o seu rosto, enxuga as lágrimas e novamente um beijo quente acontece. A paixão os domina e se entregam totalmente. Nesse momento entra o mordomo, trazendo o cafezinho. Ao vê-los enroscados na poltrona, fica vermelho como um pimentão arregala os olhos, coça o bigodinho e derruba a bandeja no chão. Os dois se assustam e ficam muito constrangidos com a presença fúnebre do empregado, mais do que depressa, Sônia

arruma o vestido e os cabelos, saindo sem maiores explicações.

— Querido, tenho que ir embora! Amanhã telefonarei!

Malleta ainda assustado arruma os suspensórios e olha as xícaras no chão.

— Zé Ferrão, você derrubou o café e me deu um baita susto! Isso era hora de aparecer! Agora terá que limpar toda essa bagunça!

O mordomo percebe o constrangimento do atrapalhado conquistador e contendo o riso responde:

— Desculpe-me patrãozinho, limparei tudo! Estou aqui para isso.

— E a madrinha, ainda está acordada?

— Ela já se recolheu.

— Então, boa noite Zé, eu também vou me deitar!

— Boa noite, senhor! Tenha bons sonhos!

Malleta vai para o quarto, senta na cama e começa a meditar:

— “Será que a Sônia ficou zangada comigo? Não, ela sabe que não fiz por mal! A gente quando faz as coisas sem pensar, acaba magoando quem não merece! Aprendi mais uma lição! Preciso ser mais cuidadoso”.

No dia seguinte, assim que acorda, Malleta corre para o telefone.

\_\_ Alô, Doutor Zé Leão? Como está o Zelinho? Está melhor? Ele já pode vir pra casa?

\_\_ Seu amigo está muito bem! Só precisava de um bom descanso e algumas vitaminas para fortalecer sua imunidade. Amanhã poderá voltar para casa.

\_\_ Doutor, o senhor não imagina como estou contente com esta notícia, muito obrigado! Muito obrigado mesmo, por tratar do meu amigo! Amanhã irei buscá-lo!

Malleta fica super feliz! É um momento muito especial em sua vida: a viagem à França, a venda dos quadros, o amor de Sônia, a recuperação do seu companheiro... Então ele vai à cozinha e encontra sua madrinha tomando chá com torradas.

\_\_ Bom dia madrinha! Acabei de falar com o Doutor Leão! O Zelinho está ótimo e volta pra casa amanhã!

\_\_ Que notícia boa, Zé! Isso é maravilhoso! Nesse momento o telefone toca.

\_\_ Alô, quem fala?

\_\_ Aqui é a Sônia! O senhor Malleta, por favor!

\_\_ Oi Sônia, sou eu, Malleta! Tenho uma excelente notícia! Zelinho vai ter alta amanhã!

\_\_ Que bom, meu amor! Vou direto para sua casa quando sair do trabalho! Em fim vou conhecer o famoso Zelinho!

ZÉ MALLETA

\_\_ Você vai adorá-lo, ele é muito especial, além de criativo, gosta de peixe, leite e mingau, igualzinho a gente! Mas tenha muito cuidado, porque também adora uma gata bonita!

\_\_ Não se preocupe, meu amor, você não corre este risco!

Durante todo aquele dia a expectativa tomou conta dos moradores da casa. Assim, tão logo amanheceu Malleta já estava de pé, pronto para buscar seu amigo.



# 12

## O desaparecimento de Zelinho

**V**amos madrinha, Zelinho está nos esperando!  
— Calma! Não me apresse! Você está muito ansioso!

— Quero ver o meu amigo, logo!

Ao chegar à clínica, o Doutor Leão vem cumprimentá-los. Ele está nervoso, quase sem fala e Dona Maria Olinda pergunta:

— Doutor Leão, o que houve? O senhor está verde! As enfermeiras estão todas agitadas, parece que o mundo está acabando!

\_\_ É que aconteceu uma incidente! Sei que não vão gostar nada, nada da notícia! Seu amigo sumiu, não está em parte alguma! Ninguém sabe do seu paradeiro, ninguém sabe o que aconteceu! Simplesmente desapareceu como um passe de mágica!

Zé Malleta fica branco como uma vela, a pressão cai, ele sofre uma vertigem. O médico o socorre, sentando-o na cadeira da recepção. A enfermeira aplica uma injeção e Malleta dorme profundamente. A ambulância o leva para casa. Já tarde, quando acorda e percebe que seu amor está ali ao seu lado, segurando a sua mão, ele indaga:

\_\_ Sônia, você está aqui?

\_\_ Sim, meu amor! Estou aqui para te consolar!

Então ele se lembra do desaparecimento de Zelinho e começa a gritar:

\_\_ Chame a madrinha! Chame a madrinha! Chame a madrinha depressa!

Dona Maria Olinda se aproxima com uma profunda tristeza.

\_\_ O que foi Malleta? Estou aqui! Não fique assim, vai dar tudo certo!

\_\_ Madrinha, temos que avisar a polícia! Acho que sequestraram o Zelinho! Temos que agir rápido!

\_\_ Não se preocupe, querido! Todos já foram avisados, a Polícia Estadual e até a Federal. Se tentarem atravessar a fronteira, não vão conseguir!

## ZÉ MALLETA

Malleta fica um pouco mais aliviado, mesmo assim, sua prostração o deixa acamado por alguns dias. Então resolve procurar o amigo e começa uma busca incessante por toda a cidade, vasculhando cantinho por cantinho. O incansável Malleta continua sua busca até fora do Estado, dirigindo horas a fio, sempre com Sônia ao seu lado.

## **A morte de Maria Olinda**

**N**uma tarde, Dona Maria Olinda recebe um telegrama e de imediato fala com o afilhado:

— Querido, acabei de receber um comunicado da França. Vou me ausentar por alguns dias. Querem fechar mais um grande contrato e comprar sua primeira obra, o Peugeot prata, lembra? Não se preocupe! O Souza e o Zé Miguel vão me buscar no aeroporto. Voltarei o mais rápido possível. Sei que a Sônia vai cuidar de você!

— Tudo bem, madrinha! Vá com Deus! Qualquer novidade ligarei.

Dona Maria Olinda arruma as malas e parte para a França. Na despedida, abraça demoradamente seu protegido, depois beija seu rosto e entra no carro, prendendo o choro para que ele não a veja soluçar. Quando chega ao portão de embarque, se volta para o multifuncionário:

— Seu José Luiz Ferrão, aqui está o endereço do Zé Pequeno, despachante que vai embarcar o automóvel para Paris. Este veículo deverá estar no navio pela

manhã. Por favor, não se esqueça, nada pode dar errado, ouviu?

\_\_ Não precisa se preocupar Dona Maria Olinda, este carro estará no porto amanhã. Fique tranquila, estou aqui para isso.

\_\_ Obrigada. Agora escute, tenho uma recomendação especial para você. Cuide bem do Malleta, ele é muito importante para mim.

\_\_ Não se preocupe, estou aqui para isso. Pode viajar despreocupada! Será um prazer cuidar do jovem artista, aprendi a gostar dele, como se fosse meu próprio filho!

Dona Maria Olinda observa lágrimas em seus olhos e algumas palavras contidas de carinho saem de sua boca.

\_\_ Zé Luiz, nunca agradei tudo que fez por mim e pelo Souza! Todos esses anos, você tem nos ajudado! Acho que agora surgiu a oportunidade de reconhecer a sua lealdade. Muito obrigada, meu amigo e desculpe se lhe causei alguma tristeza!

\_\_ Deixa disso, Dona Maria Olinda, toda vez que precisei, sempre estive ao meu lado, principalmente quando comprou aquela casa para a minha mãezinha de 86 anos, nunca esqueci esse seu gesto. Quando perdi meu Zé Antônio, a senhora e seu Souza tomaram todas as providências para o sepultamento. Só tenho que

agradecer! Uma boa viagem, minha patroinha, que Deus te proteja!

Ela sorri agradecida com as carinhosas palavras e se vai.

Já no avião, um tanto comovida pela declaração de seu auxiliar, senta-se a janela esquerda, próxima da aeromoça e começa a refletir. Seu coração está tomado de amor por todos. Ela se sente reconhecida, por tudo o que a vida lhe proporcionou. Tão envolvida por esse sentimento, pega uma caneta e começa a escrever o que vem no seu coração.

Enquanto isso... Malleta continua sua busca sem nenhum sucesso, Sônia o acompanha em todos os lugares imagináveis, no fundo, ela não acredita mais que eles o encontrarão, mas dá todo apoio ao seu amor.

— Querido, já percorremos todos os lugares possíveis e não encontramos nenhuma pista do seu amigo. Acho melhor aguardar a orientação das autoridades.

Numa tarde, depois de muito procurar, a tristeza toma conta do ambiente e o telefone toca mais uma vez:

— Alô! Quem fala?

— Aqui é a sua madrinha, como vão às coisas por aí?

— Madrinha... Que saudade! Volta logo! Estou precisando muito da senhora!

\_\_ Não se preocupe, Souza e eu, voltaremos amanhã, no voo das doze horas. Peça ao Ferrão para nos buscar, está bem?

\_\_ Tudo bem! Nós estaremos lá!

\_\_ Agora me fale sobre o Zelinho, alguma novidade?

\_\_ Infelizmente, ainda não, madrinha! E não há nenhuma pista, mas tenho fé que o encontrarei!

\_\_ Bem, amanhã, quando eu chegar, conversaremos melhor! Um beijo e fique com Deus!

\_\_ Outro, pra senhora, até amanhã!

Com a confirmação do retorno da patroa, o multifuncionário, José Luiz Ferrão, arruma toda a casa, molha as plantas, apara a grama do quintal, cata as folhas secas das árvores, dá banho no Zelão, lava os carros, limpa a piscina e prepara um almoço especial para seus patrões. Malleta, embora triste com o desaparecimento do amigo, fez questão de ir com Sônia e Zé Luiz, esperá-los no aeroporto. O lugar está repleto e eles vão direto para o portão de desembarque. Enquanto aguardam, Malleta observa o movimento no saguão. As chegadas e partidas de homens, mulheres e crianças de todos os tipos e lugares, assim começa a meditar sobre as suas cores e vestimenta:

É gente chegando, é gente partindo,  
É gente chorando, é gente sorrindo!

É sandália de couro, sapato e tamancão,  
É turbante enrolado e calça de peão!

É baixo, é alto, é gordo é magro,  
É branco, é negro, é amarelo também,  
Só não vejo o azul!  
Mas todos se respeitam como se fosse um!

Tem gente conversando que não entendo bem,  
Falam línguas enroladas e se beijam como ninguém!  
Só sei que quando se olham se abraçam com muita  
emoção!  
Na verdade, somos irmãos!

De repente, Sônia se levanta e diz:

— Querido, estamos há mais de uma hora  
esperando o avião! Você não acha melhor perguntar o  
que está acontecendo?

— Você tem razão, meu amor! A recepcionista  
deve nos orientar!

Quando chegam à recepção, um tumulto se faz  
presente e o comentário das funcionárias chega aos seus  
ouvidos.

— O avião simplesmente sumiu do radar!

— Também, com tamanha tempestade!

— Não era para levantar voo, naquelas condições! São mais de 120 passageiros!

— Vamos esperar orientação da torre, para tomarmos as devidas providências!

Uma das atendedoras começa a chorar, demonstrando grande desespero!

— Não dá para acreditar! Minha irmã é aeromoça e está neste voo França-Brasil. Que Deus a ajude, pois não posso perder a minha única e querida irmãzinha! Ela é tudo para mim! Ela é tudo que tenho!

Malleta arregala os olhos e soca o balcão no maior desespero.

— Do que vocês estão falando? Que história é essa, de sumir do radar e tempestade! O que está acontecendo aqui? Por que ninguém nos diz a verdade? Onde está o avião das doze horas?

— Calma, meu amor! Não fique assim, mantenha a tranquilidade, por favor!

— Calma! Como vou ter calma? Estão dizendo que o avião sumiu! Sônia, você sabe o que isso quer dizer? Não é possível, pelo amor de Deus, digam que não é verdade! Primeiro perco o meu amigo do coração, agora a minha madrinha. O que fiz a Deus? Não mereço tamanho sofrimento! Eu não mereço, eu não mereço!

Sônia chama Zé Ferrão e juntos levam o desesperado artista para casa. Malleta fica depressivo e

ZÉ MALLETA

acamado por vários dias. A alegria passa longe do seu ser. Até que o telefone toca...

# 14

## O Testamento



— Alô! Residência do Doutor Malleta. Bom dia!

— Bom dia! O senhor José Malleta está?

— Quem deseja falar, por favor?

— Aqui é o José Miguel Ângelo de Paris. Gostaria de falar com o senhor José Pinto Malleta!

— Pois não, um momento, por gentileza!

— Doutor Malleta, é uma ligação de Paris. Um senhor, chamado José Miguel Ângelo deseja lhe falar.

Malleta se assusta com o comunicado da França e de imediato vai até ao telefone.

— Alô, aqui é Zé Malleta!

— Malleta, aqui é o Miguel Ângelo! Dona Maria Olinda deixou uma carta endereçada ao senhor e me pediu que só abrisse na sua presença. Amanhã viajarei para o Brasil.

— Está bem, mandarei buscá-lo no aeroporto!

— Não precisa, tomarei um táxi!

— Não dá para adiantar o assunto desta carta?

— Confesso que desconheço o seu conteúdo. Estou ligando porque só agora as autoridades

oficializaram o estranho sumiço do avião 237, França-Brasil.

José Malleta fica bastante curioso com o comunicado, procurando imaginar o que Maria Olinda teria escrito na tal carta.

Quando o visitante chega à mansão vê Zé Ferrão cuidando de Zelão e diz:

— O Senhor José Malleta, por favor!

— O Senhor é o José Miguel Ângelo?

— Sim, sou eu!

— Por favor, entre, o Doutor Malleta o espera!

Zé Miguel toma um cafezinho e depois de agradecer a gentileza, começa abrir a tão esperada carta. Sônia segura as mãos geladas de Malleta. Zé Luiz um tanto curioso, fica a seu lado, aguardando o desfeito da leitura. Um silêncio toma conta do ambiente, quando uma sombra densa passa pela sala provocando um arrepio coletivo. Ninguém fala nada, ninguém se move, o único barulho perceptível é o papel da correspondência que se abre lentamente. José Miguel respira fundo e começa a ler a tão esperada carta:

*Querido Malleta, quando José Miguel Ângelo estiver lendo essas linhas, eu não mais estarei em seu convívio, mesmo assim, aproveito para lhe agradecer. Pois o destino quis que você nos salvasse. A mim, ao*

*Sousa e todo o patrimônio de minha família. Eis como tudo aconteceu...*

*Há algum tempo vínhamos enfrentando dificuldades financeiras e tivemos que hipotecar a mansão e os automóveis. O pouco dinheiro que nos sobrou, dividimos entre a viagem de Souza para a Europa e a compra de um carro popular. Mas o destino nos preparou uma agradável surpresa. Assim que chegamos à agência do Zé Paulino, meus olhos foram iluminados, pois lá estava a solução de nossos problemas. Lembra-se daquele Peugeot que você transformou com figuras geométricas? Pois bem, com ele paguei parte das minhas dívidas junto ao Banco Inglês. Os quadros que bateram recordes de preço na Europa, serviram para quitar a hipoteca da mansão que minha nona Domitila deixou para mim. Enfim, nossa saúde financeira foi restabelecida e ainda sobrou uma boa quantia em dinheiro.*

*Zé, você foi o meu anjo bom. Portanto, não é por bondade ou compaixão que deixamos nossos bens para você. É por direito adquirido. Você é o filho que não tivemos. Foi Deus quem providenciou esse presente e somos muito agradecidos a ele. Você nos trouxe alegria, doçura e inocência. Fez nossa esperança renascer. Não quero que fique triste. Pelo contrário, aproveite o que aprendeu e leve sua vida adiante. Estarei sempre contigo. Toda vez que estiver em perigo*

*ou situações delicadas, pense em mim, que te ajudarei. Afinal, é para isso que servem as Madrinhas, não é mesmo? Segue então a lista dos bens que agora te pertencem: O casarão da Itália; a cobertura na França; a mansão; além das fazendas do Engenho Novo e a do Colubandê; localizadas em São Gonçalo, os três carros, as lojas de artesanatos e a biblioteca comunitária. Tenho certeza que o tempo e a distância jamais nos separarão. Sei que você vai ficar bem, pois Zé Luis e Sônia vão cuidar muito bem de você. Um beijo da sua eterna protetora!*

*Maria Olinda Monteleone e Souza*

Assim que termina a leitura, José Miguel Ângelo faz um pequeno discurso:

— Nós tivemos as mesmas raízes, que foi nascer em São Gonçalo e conviver com a mesma mulher, que se tornou a nossa estrela guia! Se hoje acumulamos fortunas, agradeçamos à nossa eterna *Madrinha* que nos abriu o mundo e nos mostrou o que é viver! Espero que aproveite esta oportunidade sendo justo com aqueles que também procuram espaço para mostrar seu talento artístico. Aqui está o número do meu telefone e o meu endereço, se precisar é só ligar! Pois agora somos mais que amigos, somos irmãos!

Em seguida dá um grande abraço no novo milionário. Malleta ainda perplexo com o testamento, fala aos presentes:

— Agradeço de coração o reconhecimento da Madrinha, mas trocaria toda essa fortuna pela presença dela e o retorno do meu amigo Zelinho. *“O mundo é uma gangorra de felicidades e tristezas. Ninguém é totalmente feliz, por ser rico; nem totalmente triste, por ser pobre. A felicidade não é um saldo bancário, mas um estado de espírito”*. O que adianta viver nessa mansão, sem as pessoas que amo?

Por um instante todos se olham, abaixam as cabeças numa breve reflexão. Mais tarde, Zé Luiz leva Miguel Ângelo até ao aeroporto.

# 15

## O Pedido de casamento

**E**

Enquanto isso, Malleta e Sônia conversam.

— Sônia, agora eu só tenho você! Por isso, quero que fique eternamente comigo!

— Você está me pedindo em casamento?

— Sim! Você é a mulher da minha vida! Esteve comigo nesses momentos difíceis e pude perceber sua sinceridade e carinho! Você aceita?

— Claro que sim! Meu amor! É tudo que quero! Amo-te, desde o primeiro dia em que o conheci! Sou a mulher mais feliz do mundo! E, quero ficar ao seu lado pra sempre! Isso eu tenho certeza!

— Já que aceitou, vamos agir logo, não quero mais esperar! Faremos uma cerimônia simples e convidarei Zé Luiz, Zé Paulino e o Sargento Cataldo para ser nossos padrinhos, o que acha?

— A escolha não poderia ser melhor. Zé Luiz é um membro efetivo da família; O Sargento Cataldo está nos ajudando muito na procura do seu amigo. Quanto ao Zé Paulino, embora eu não o conheça, se é seu amigo, deve ser uma boa pessoa!

\_\_ Ele foi meu patrão e não posso virar as costas para aqueles que me ajudaram. Embora tenha me despedido no primeiro dia de trabalho, foi por causa dele que acabei conhecendo a Madrinha e consequentemente você. Tudo começou quando me deu a primeira oportunidade.

Sônia deslumbra-se com o começo da carreira do noivo, achando correto o convite.

\_\_ Meu amor, os seus padrinhos não poderiam ser melhores! Agora vou convidar os meus, ok?

Toda contentinha comunica o casamento a seus pais. Depois, vai ao shopping comprar o vestido dos seus sonhos e convidar algumas amigas para o dia mais importante de sua vida.

Enquanto isso, Malleta convida seus amigos.

\_\_ Sargento Cataldo, por favor!

\_\_ Quem gostaria?

\_\_ Aqui é o Zé Malleta!

\_\_ Senhor Malleta, pode falar! É o Cataldo!

\_\_ Seu Zé Cataldo, gostaria de agradecer o empenho e a dedicação nas investigações do Zelinho e aproveitando, quero convidá-lo para ser padrinho do meu casamento. O senhor aceita?

\_\_ Bem, senhor Malleta não tenho uma boa notícia para lhe dar. É que as investigações sobre o desaparecimento do seu amigo foram encerradas. Passou-se muito tempo e não obtivemos nenhuma pista

concreta sobre o ocorrido! Espero que isso não o faça desistir do convite!

\_\_ Não mesmo! O convite está de pé! Fico triste com o comunicado, mas tenho fé em Deus, que ainda o encontrarei! Pode ficar tranquilo, reconheço que fez a sua parte, o aguardo no dia do meu casamento. Um abraço e obrigado!

\_\_ Eu que agradeço, por se lembrar de mim num momento tão importante da sua vida! Sinto-me honrado com o convite, pode contar com a minha presença! Muito obrigado e até lá.

Malleta agradece e em seguida telefona para o dono da agência de carros.

\_\_ Alô! Quem fala?

\_\_ Aqui é o Zé Malleta. O Zé Paulino, por favor!

\_\_ É o próprio!

\_\_ Zé Paulino estou telefonando para te convidar para ser padrinho do meu casamento, você aceita?

Paulino fica paralisado, embestado e mumificado! Não entendendo como um ex-patrão poderia ser convidado para ser padrinho de um ex-funcionário, depois de xingá-lo e despedi-lo. Mas mesmo assim aceita!

\_\_ Claro que aceito, será um prazer! Fico contente que não tenha guardado mágoa de mim, por ter te dispensado.

\_\_ A vida nos ensina muito, Zé Paulino! Hoje estou numa situação privilegiada e de alguma forma, você contribuiu para isso! Se não tivesse me dado a primeira oportunidade, estaria desempregado até hoje! E veja só aonde eu cheguei! Bem, conto com você no meu casamento! Um abraço!

Naquele instante, Paulino descobriu como as decisões transformam a vida das pessoas, trazendo conseqüências positivas ou negativas. A partir daquelas palavras a sua vida tomaria novo rumo.

Depois de todos os telefonemas, Malleta chama o motorista.

\_\_ Zé Luiz! Zé Luiz! Vem cá, me responda uma coisa: Você já foi padrinho de casamento?

\_\_ Nunca, patrãozinho, por quê?

\_\_ Porque será padrinho do meu, você aceita?

Zé Luiz se engasga emocionado com o convite inesperado, abre um sorriso e responde:

\_\_ Doutor Malleta, o senhor não sabe o bem que está me fazendo! Hoje é o aniversário do José Antônio Ferrão, meu filho querido e o senhor me dá um presente dessa magnitude! Aceito com a maior satisfação! Eu o considero como um filho, o senhor sabe, não é?

\_\_ É claro que sei! E é por isso que estou te convidando!

\_\_ Muito obrigado, senhor! Muito obrigado mesmo!

\_\_ Ok, então vamos ao shopping, comprar as nossas roupas. Depois iremos à casa de minha mãe.

\_\_ Sim, meu patrão! Com prazer, estou aqui pra isso.

E os dois vão às compras. Quando terminam seguem para a casa de Dona Celina.

\_\_ Mãe Celina! Mãe Celina! Sou eu, seu filho, o Zé!

Celina larga o tanque cheio de roupas e corre em sua direção. Depois de um abraço apertado e um delicioso beijo, vem o puxão de orelhas.

\_\_ Pensei que tivesse abandonado a sua mãe! Não manda recado e nem aparece para saber se estou viva! Por onde você esteve este tempo todo? Está zangado comigo, é?

\_\_ Mãe, não é nada disso! A minha vida mudou, estou trabalhando muito e vou me casar!

\_\_ Casar! Mas Zé, você nem completou 30 anos e já quer casar! Que história é essa, menino?

\_\_ Mãe, me ouve! Conheci uma pessoa maravilhosa, nos amamos. Vamos ser muito felizes, mãezinha! É por isso que estou aqui. Quero que a senhora venha morar conosco na mansão.

\_\_ Bem, filho! Se você tem certeza de que vai ser feliz, eu te dou a minha bênção! Mas morar com vocês; acho que não é boa idéia. Sua esposa talvez não goste; quem casa quer casa! Não quero atrapalhar a sua vida!

\_\_ Não se preocupe, mãe! A Sônia é muito legal! Ela já concordou com isso! E está ansiosa para lhe conhecer. A senhora vai gostar dela!

\_\_ Se é o que você diz, eu aceito! Agora me conte sobre o Zelinho! Soube pelos jornais! Aliás, desde o desaparecimento de Dona Maria Olinda, não tiro os olhos da televisão; coisa mais sem sentido, não é filho?

\_\_ É, minha mãe! Eu ainda não consigo entender claramente o que aconteceu com a Madrinha. Mas sei que ela está comigo aqui dentro do meu coração! Quanto ao Zelinho, até agora não conseguimos encontrá-lo, mas não perdi as esperanças e acredito que a madrinha vai me ajudar nessa missão.

Malleta volta para casa trazendo consigo sua mãezinha, que é recebida com muito carinho por Zé Luis. Ele lhe mostra toda a casa e depois seus aposentos. Enfim, a vida recomeça, porém, às vésperas do casamento, o desolado Malleta, sente um vazio. A ausência de sua Madrinha e de seu amigo lhe doe na alma e ele pensa sozinho no quarto:

\_\_ “Zelinho, onde você está neste momento? Amanhã irei me casar e gostaria tanto que você estivesse comigo! A madrinha disse em seu testamento que quando eu estiver triste, para pensar nela. Gostaria que ela me ajudasse a te encontrar.”

Malleta se deita e dorme profundamente.

# 16

## Um sonho mágico

**U**ma nuvem densa o envolve e uma voz delicada chama por seu nome.

\_\_ Malleta? Estou aqui!

\_\_ Hã! Quem é? Quem está aí?

\_\_ Sou eu, Zé, não reconhece mais a minha voz?

\_\_ Madrinha é a senhora?

\_\_ Sim, querido, sou eu! Ontem, vi quando se amargurou pelo desaparecimento de seu fiel escudeiro. E seu desejo de ter minha ajuda para encontrá-lo, me comoveu muito! Por isso estou aqui.

Malleta vê sua Madrinha surgir no meio das nuvens, vestida com uma roupa toda esvoaçante. E fica muito feliz.

\_\_ Madrinha, eu tô te vendo! Como a senhora está bonita! Eu posso ir até aí?

\_\_ Claro que sim! Venha!

E o artista sonhador, ergue os braços e flutua como um avião sobre as nuvens. De repente parece que seus problemas terminaram. Ele quer apenas voar. Faz piruetas, em volta da Madrinha e ri como uma criança

no carrossel. Maria Olinda observa seu afilhado por um momento, depois o chama:

— Pare! Pare! Estou ficando tonta com suas piruetas! Venha, preciso lhe falar.

Malleta se aproxima, beija sua protetora, e em seguida, volta ao seu voo brincalhão. Maria Olinda ri e ordena:

— Venha, menino peralta! Não temos muito tempo! Olhe, escute com atenção. Não se preocupe, Zelinho está muito bem. Ele encontrou a verdadeira felicidade.

— Como assim, Madrinha? Não entendi nada!

— Não entrarei em detalhes. Mas você vai entender depois. Vá ao Morro da Galera e procure Dona Vânia, ela mora ao lado da barraca do Zé Francisco, o pipoqueiro. Agora tenho que me despedir, pois a luz que percorre o meu espaço-tempo me obriga a desfazer o contato. Um beijo, querido! Fique em paz!

— Não, Madrinha, não vá! Não vá...! Fica comigo! Não me deixe não me deixe, não, não, nãããããããããããããããã...!

Zé Luis escuta os gritos do Malleta e corre até seu quarto.

— Patrão, patrão! O que houve? Ouvi seus gritos e vim correndo! Está sentindo alguma coisa?

Malleta acorda todo assustado. Está confuso, sentindo-se perdido entre o sonho e a realidade. Senta-

se, respira fundo e espera até que seus pensamentos e emoções se recomponham.

\_\_ Zé Ferrão, eu sonhei com a Madrinha! Mas não foi um sonho normal. Foi uma visão, entende? Ela falou comigo! Foi tão real... Tão real! Ela estava tão linda e feliz! Você precisava ver! Quando ela se despediu, eu fiquei apavorado, pedi para não ir, pedi para que ficasse, mas ela se foi!

\_\_ Patrão, o que ela disse ao senhor?

\_\_ Disse que Zelinho está bem e me mandou ir ao Morro do Feijão. Você sabe onde fica?

\_\_ Sei, sim senhor! Dona Maria Olinda ajudava o Padre Zé Romano, na sua obra social e às vezes eu ia à associação de moradores levar os mantimentos para os idosos.

\_\_ Então é isso! A Madrinha me deu a localidade e disse que quando chegasse lá, eu entenderia. Quando amanhecer iremos ao seu encontro.



# 17

## O reencontro

**N**o alto do Morro do Feijão, numa casa bem pobre, vive Dona Vânia. Malleta bate palmas e uma senhora muito humilde o atende.

\_\_ Pois não, seu moço! O que o senhor quer?

\_\_ A senhora é Dona Vânia?

\_\_ Sim, meu nome é Maria Vânia, o que o senhor quer comigo?

\_\_ Dona Vânia, meu nome é José Malleta, estou aqui por causa do desaparecimento de um amigo. Tenho informação de que ele está aqui com a senhora.

\_\_ Ah! Eu sei quem é o senhor. Vi sua foto no jornal. Tá falando do Zelinho, não é?

\_\_ Sim, isso mesmo! Ele está aqui?

\_\_ Sim, está. Vamos entrando que explico tudo pro senhor.

Nosso herói entra. Senta-se numa poltrona extremamente rasgada e começa discretamente observar aquela casa tão pobre, muito mais humilde do que a sua antiga residência. O piso de tábua é coberto por papelões; as paredes são feitas de sobra de caixotes. Do lado esquerdo, uma pequena cama, onde baratas passeiam sobre o lençol. Ali, dorme um menino.



Malleta começa a conversar com Dona Vânia e pergunta sobre o desaparecimento de Zelinho:

\_\_ Como Zelinho veio parar aqui? A senhora sabia quem ele era. Então, provavelmente também sabia seu endereço. Por que não o levou pra casa? Eu e minha Madrinha sofremos tanto com essa história! Pensamos até em sequestro! Todas as polícias fizeram operações de busca, mas ninguém conseguiu achá-lo. E ele estava

o tempo todo aqui. Tão perto de nós! Por favor, senhora, me explique isso!

— Eu peço desculpas, por causar tanto sofrimento! Mas vou explicar pro senhor o que aconteceu. Meu filho Zé Márcio, pega cesta básica todo mês perto da casa da sua mãe. Lá na igreja de São José. O senhor conhece?

— Sim, é a paróquia onde me batizei!

— Isso mesmo! Sempre que meu filho ia lá, ele levava a Margarida. Numa vez, ela conheceu o Zelinho e os dois não se largaram mais. Viviam namorando por aí. Até que um dia, ele sumiu. Ficamos sabendo que tinha ido para França, com o senhor. A Margarida ficou muito triste, com o abandono do namorado e adoeceu por muito tempo. Eu não tinha dinheiro para tratar da minha gatinha. Até que alguém me disse que existia um médico veterinário muito bom, que cuidava dos bichos e que não cobrava de quem não podia pagar. Então eu conheci o Doutor Zé Leão. Ele me atendeu muito bem e



resolveu internar a Margarida. Por coincidência, o Zelinho também estava hospitalizado. Num belo dia ela apareceu em casa com o seu apaixonado. Briguei com os dois por ter fugido da clínica, mas não teve jeito, eles só queriam ficar juntos. Cheguei a levá-lo até o portão da sua casa, mas ele acabou voltando pra cá. O senhor sabe, quando a gente gosta, não tem quem separe, não é mesmo? Tive vontade de te avisar, que ele estava aqui, mas fiquei com pena da minha gatinha. Pensei que se separassem de novo, ela poderia morrer.

Zé Malleta, ciente da situação, desculpa a pobre senhora ao ouvir seus motivos. De repente, um barulho no quintal, chama a atenção.

\_\_ Dona Vânia, tem alguém lá fora?

\_\_ Não se preocupe, sei quem é!

Ela pede licença e abre a porta, fazendo entrar a família Zelinho. Malleta fica perplexo, sem saber o que falar. Zelinho ao ver seu companheiro, arregala os olhos, levanta as orelhas, passa a língua no bigode e pula em seus braços, miando sem parar. Um dos filhotes repete a atitude do pai, os outros dois logo se manifestam e eles se embolam sobre o sujo papelão que servia de tapete, naquele pequeno espaço. Malleta começa a chorar de emoção e alegria.

\_\_ Zelinho, seu fujão! Que saudades! Espere um pouco. Esta gata não é aquela, que te peguei namorando no carro do Zé Peixeiro? Acabou casando e nem me

convidou! Você escolheu o seu caminho e está feliz, isso é o que importa! Agora eu te entendo, pois também achei a minha gata!

Antes de ir embora, Malleta observa que o seu amigo está magro com os olhos fundos e as unhas enormes. Com muito tato pergunta a anfitriã:

\_\_ Dona Vânia, a senhora tem dado mingau de aveia pro Zelinho?

\_\_ Ah, meu filho, isso eu não posso fazer! Eu não tenho comida, nem para meus filhos! Como vou dar mingau de aveia ao nosso amigo!

Malleta um pouco sem graça pega a carteira e retira um talão de cheques.

\_\_ Este dinheiro é para a senhora! Mas te peço um grande favor, nunca deixe faltar mingau para o Zelinho e a sua família! A senhora promete?

\_\_ Claro que sim, é o mínimo que posso fazer Doutor Malleta!

Dona Maria Vânia disfarça e dá uma olhada no mensalão, arregala os olhos e fica embestada com o valor.

\_\_ Doutor Malleta, isso é muito dinheiro! Dá até para comprar uma casa!

\_\_ Então compre! Compre uma boa casa e dê um pouco de conforto para sua família.

Dona Vânia vai com ele até o portão, Malleta se despede e antes de entrar no carro, olha mais uma vez

ZÉ MALLETA



para seu amigo, sua esposa e os três filhos. Dentro do peito, uma mistura de alegria e tristeza, trás lágrimas aos seus olhos.

\_\_ Zé Luis! Vamos para casa.

\_\_ Sim, Doutor Malleta. Estou aqui pra isso.

# 18

## Epílogo

**N**uma tarde de verão, sentado na varanda que dá para a piscina, Malleta faz uma reflexão sobre os últimos acontecimentos de sua vida: seu primeiro trabalho, a primeira decepção, o encontro com Dona Maria Olinda, as peripécias de Zelinho e Zelão, a viagem a Paris, as noites coloridas da Cidade Luz; o coquetel de apresentação, o retorno à Pátria amada, a calorosa acolhida do povo gonçalense, o reencontro com mãe Celina e o café que só ela sabe fazer. A conclusão dos seus estudos; o curso de artes plásticas, o namoro com Sônia, sua adorada esposa, o sumiço de Zelinho e a partida de sua amada e saudosa Madrinha, o testamento e finalmente o reencontro com seu melhor amigo. Malleta percebe que não é mais um menino. Estudou, aprendeu, viajou, tornou-se secretário de cultura de sua cidade. Enfim, um homem de responsabilidades.

A propósito, Zelinho e sua família agora vivem na Praia da Luz. Dona Maria Vânia comprou uma bela casa por lá. Apesar de tantos compromissos, Malleta

ZÉ MALLETA

encontra sempre um jeito de visitá-los e volta cheio de notícias que compartilha com Zé Ferrão e Sônia. Esta,



porém, nunca descobriu que Zelinho na verdade era um gato.

**Fim**

INVERNO DE 2005

## UM NOVO SONHO

Agora, sento-me na espreguiçadeira da varanda dos fundos para observar a chuva e o vento que se fazem presentes, caindo sobre a goiabeira e a mangueira, onde as suas folhas se entrelaçam as bananeiras que ficam próximas ao muro. Este balé de folhagens se reflete no pequeno riacho que se forma com as gotas que caem do telhado que sorrateiramente transcorre pelo jardim lateral. Lá fora, o paralelepípedo faz um brilho de ilusão sobre as calçadas. O cheiro da terra molhada se harmoniza com os cantos dos pássaros e os trovões bem longínquos.

Neste instante, debruço-me sobre as mãos buscando inspiração para um próximo livro, não tendo data e nem hora para terminar porque as minhas letras vão além do “A”.

Com elas eu posso tudo: caçar dinossauro com tubarão, ir ao futuro para ver se tem solução, voar em uma canoa desgovernada, que me salva de madrugada, próximo de um quente vulcão. Com elas, eu protejo a Onça Pintada, se penteando no espelho d’água onde o mal é derrotado num castelo de bombom. Mas como escrever é bom, bom, bom!

ZÉ MALLETA